PARA TODOS...

ANNO XIII — NUM. 635 — Rio de Janeiro, 14 de Fevereiro de 1931 — PREÇO: 1$000

Publicação das mais cuidadas e impressa em rotogravura, o

CINEARTE - ALBUM

está á venda em todos os jornaleiros do Brasil, mas se houver falta nesses jornaleiros, enviem 9$000 em carta registrada, cheque, vale postal ou em sellos do Correio á

Gerencia do CINEARTE - ALBUM

RUA DA QUITANDA, 7 — Rio — que receberão um exemplar
Preço 8$000, -- Nos Estados, ou pelo Correio, 9$000

Concurso de contos do PARA TODOS...

O maior e o mais importante certamen organizado na America do Sul -- O conto brasileiro jámais teve maior incentivo no paiz

A literatura brasileira já não é mais uma "pagina em branco", na phrase de um irreverente autor francez de ha um trintennio.

Uma legião immensa de escriptores novos vive, embora ignorada, em todos os recantos do paiz. Se quizessemos, por curiosidade, reunir num só volume todos os escriptos que jazem sob a poeira das gavetas os trabalhos que a modestia ou a impossibilidade dos seus autores occultam no ineditismo, ergueriamos uma verdadeira torre de Babel de bôa literatura.

A literatura nacional existe. Vive e palpita onde ha um coração humano servido por uma penna agil. E o publico a quer. Deseja. Pede.

Necessario é, portanto, arrancal-a, desencafual-a dos escaninhos da penumbra e trazel-a para os olhos desse publico. Elle já se cansou de rir em francez e soffrer em hespanhol...

Vamos ver "o que é nosso!" Temos legitimos valores que escrevem perfeitamente quer sobre os costumes do Nordeste e do Brasil Central, quer sobre a vida dos pampas ou das praias, dos centros turbilhonantes do Rio e de São Paulo.

As revistas da nossa empresa, publicações nacionaes de maior tiragem e diffusão no territorio brasileiro, jámais têm deixado de amparar os passos da juventude literaria, animando-a para o futuro, recompensando-a.

Fazemos como Mahomet. Ella não tem coragem de vir até nós. Nós vamos ao encontro della.

GENEROS LITERARIOS

Afim de não confundir tres generos de literatura completamente diversos, resolveu "PARA TODOS..." distinguir os "contos sentimentaes ou amorosos" dos "tragicos ou policiaes" e "humoristicos", offerecendo aos vencedores de um genero os mesmos premios conferidos aos outros.

CONDIÇÕES

O presente concurso reger-se-á nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." quaesquer trabalhos literarios, ineditos e originaes do autor que os assigna.

2ª — Esses trabalhos poderão ser de qualquer estylo ou qualquer escola, como, ainda, escriptos em qualquer orthographia usada no paiz.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado do papel e em letra legivel ou á machina.

4ª — O "conto" não deve ser confundido com a "novella". Assim, os trabalhos para este concurso não devem ultrapassar a 15 tiras, ou meias folhas de papel almaço, mais ou menos.

5ª — Exclusivamente escriptores brasileiros pódem concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." e os enredos de preferencia terem scenarios nacionaes.

6ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos: a) que contenham em seu texto offensa á moral; b) citem nominalmente qualquer pessôa do nosso meio politico e social; c) sejam calcados em qualquer obra anterior ou já tenham sido publicados.

7ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymos, acompanhados de outro *enveloppe* fechado contendo a identidade e o autographo do autor, tendo este segundo escripto por fóra o titulo do trabalho e o pseudonymo.

8ª — Os concurrentes para este concurso poderão enviar quantos trabalhos desejem, e de qualquer dos generos estipulados, sendo condição essencial de que os originaes venham em *enveloppes* separados com pseudonymos differentes.

9ª — Todos os originaes literarios concurrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade dessa empresa, durante o prazo de dois annos, para a publicação em primeira mão em qualquer de suas revistas: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO", "LEITURA PARA TODOS", "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA" ou outra qualquer publicação que apparecer sob sua responsabilidade.

10ª — Todo trabalho concurrente deverá vir com a indicação do genero do conto a que concorre.

PREMIOS

CONTOS SENTIMENTAES		CONTOS TRAGICOS OU POLICIAES		CONTOS HUMORISTICOS	
comprehendendo todo o assumpto amoroso, romantico, lyrico, religioso.		comprehendendo todo o enredo de acção, mysterio, tragedia e sensação.		comprehendendo todo o assumpto de genero comico e de bom humor.	
1º collocado	500$000	1º collocado	500$000	1º collocado	500$000
2º "	300$000	2º "	300$000	2º "	300$000
3º "	250$000	3º "	250$000	3º "	250$000
4º "	150$000	4º "	150$000	4º "	150$000
5º "	100$000	5º "	100$000	5º "	100$000
6º "	50$000	6º "	50$000	6º "	50$000
7º "	50$000	7º "	50$000	7º "	50$000
8º "	50$000	8º "	50$000	8º "	50$000
9º "	50$000	9º "	50$000	9º "	50$000
10º "	50$000	10º "	50$000	10º "	50$000
11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.		11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.		11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	
16º ao 30º collocado — 1 assignatura de qualquer das seguintes publicações: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.		16º ao 30º collocado — 1 assignatura de qualquer das seguintes publicações: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.		16º ao 30º collocado — 1 assignatura de qualquer das seguintes publicações: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	

ENCERRAMENTO

O "CONCURSO DE CONTOS DO PARA TODOS..."

iniciado no dia 21 de Junho de 1930, encerrar-se-á, definitivamente, no dia 20 de maio de 1931, para todo o Brasil.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos, poetas, e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Concurso de contos do "Para todos..."

RUA DA QUITANDA, 21 — RIO DE JANEIRO

O orçamento do vestuario

As machinas baratearam no correr dos tempos até ao minimo, alcançando em 1914 o preço do vestuario humano.

Outrora só os ricos podiam vestir-se com luxo. Na Idade Media vendia-se a seda de 150 a 800 mil réis o kilo; os velludos custavam de 70 a 300 mil réis o metro. Dahi as leis sumptuarias do seculo XVI que procuravam restringir o uso da seda. Os vestidos representavam naquelle tempo verdadeiros capitaes: eram transmittidos por herança; ás vezes cabia a um herdeiro o usufruto e a outro a propriedade. A revenda dos vestidos constituia um negocio de vulto; a clientela aristocratica comprava trajes usados como se compram hoje joias.

Por muito tempo dominou soberana a moda franceza, tanto para mulheres como para homens; no seculo XVIII porém, a moda ingleza impôz-se para o sexo barbado. Hoje é possivel andar rigorosamente bem vestido com pouco dinheiro; mas isto por muitos seculos foi privilegio exclusivo da aristocracia endinheirada. — (G. d'AVENEL — "La Revue des Deux Mondes").

Para unhas lindas
Esmalte "Gaby"

Concurso de Contos do PARA TODOS...

Considerando o enorme numero de cartas que vimos recebendo diariamente com pedidos para que dilatemos ainda mais o prazo para recebimento de originaes referentes ao Concurso de Contos do "Para Todos...", visto terem-se extraviado muitos com a desorganização dos correios em época de revolução, resolvemos prorogar o prazo para o encerramento deste certamen até o dia 20 de Maio proximo futuro.

"Album do Progresso do Rio de Janeiro"

O Album da Revolução

A poderosa Empresa "Album do Progresso Brasileiro Ltda.", constituida nesta Capital, de elementos do nosso alto commercio e illustres intellectuaes, lançará brevemente o "Album do Progresso do Rio de Janeiro", que é verdadeiramente o Album da Revolução. Vae ser a obra de publicidade mais bella e rica que já se fez no Brasil. 500 paginas deslumbrantes. Heróes da Revolução, urbanismo, belleza feminina, commercio, industria, sports, turismo, magistratura, etc... Emfim, minuciosamente, todo o progresso e grandeza do Rio de Janeiro, da Segunda Republica! Séde Central: rua 1° de Março, 85, 4° Atelier photographico, rua São José, 106, 3°, Photo Febus.

A EQUITATIVA

Sociedade de Seguros de Vida

Os dias vão passando; vamos envelhecendo e perdendo a melhor opportunidade de fazer um seguro de vida.

A EQUITATIVA offerece as maiores vantagens.

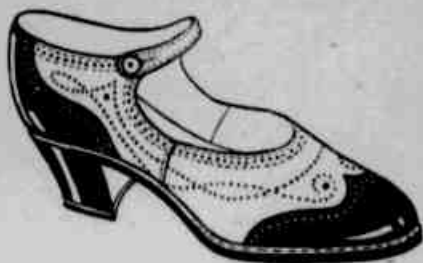
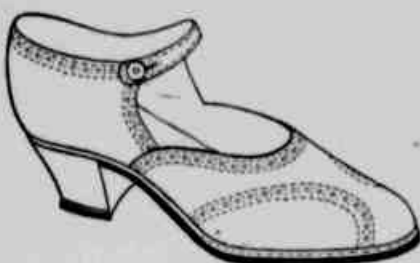
Séde provisoria:

27, TRAVESSA DO OUVIDOR, 27
(Edificio Proprio)

Sofá privilegiado para exames medicos, adoptado com exito em todos os hospitaes e clinicas medicas. Para o interior fabricam-se de desarmar.
Preço 140$000. Exclusivo da casa de moveis e tapeçarias
A. F. COSTA
Rua dos Andradas, 27 — Rio

CINEARTE — Uma revista exclusivamente cinematographica, impressa pelo mais moderno processo graphico e a unica que mantém em Hollywood representante especial.

Aviso

Afim de regularizarmos a remessa pelo Correio das nossas publicações, solicitamos a todas as pessoas que as recebiam enviar com urgencia seus endereços ao escriptorio desta Empresa, á rua da Quitanda, 7 — Rio de Janeiro.

Para todos...

Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director - Gerente Antonio A. de Souza e Silva. Assignatura: Brasil — 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. Estrangeiro — 1 anno,........ 85$000; 6 mezes, 45$000.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro deve ser dirigida para a rua da Quitanda, 7 — Rio de Janeiro.

DENTE escuro, desviado, abalado, pyorrhéa, fistula, geng. sangrenta, cura certa; exame gratis. T. 2-0360, 7 Setembro, 94, 3º. Dr. R. Silva.

P I L U L A S

(PILULAS DE PAPAINA E PODOPHYLINA)

Empregadas com successo nas molestias do estomago, figado ou intestinos. Estas pilulas, além de tonicas, são indicadas nas dyspepsias, dores de cabeça, molestias do figado e prisão de ventre. São um poderoso digestivo e regularizador das funcções gastro-intestinaes.

A' venda em todas as pharmacias. Depositario: **João Baptista da Fonseca.** Rua Acre, 38 — Vidro 2$500, pelo Correio 3$000 — Rio de Janeiro.

Leiam o **O MALHO** a primorosa revista que acaba de resurgir. Numero avulso 500 réis.

M O D I S T A
Mme Flora

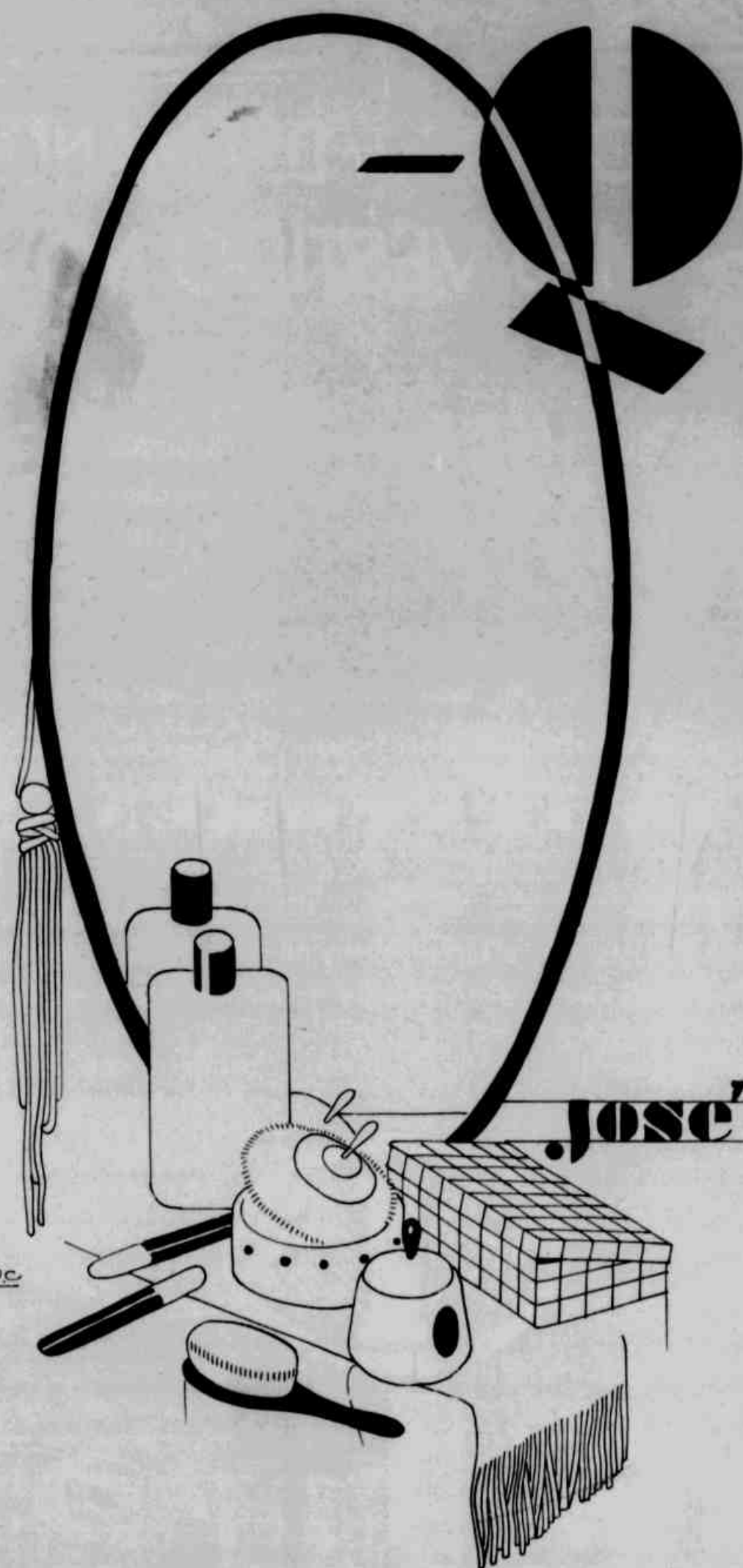
Executa com perfeição por qualquer figurino — Preços modicos. Attende a domicilio com a maxima brevidade.

Rua do Cattete, 823
Phone: — 5-2191

QUE HORROR - D.NA AMANCIA!
~ MEU VESTIDO NOVO
A decepção dessa senhora ao ver o seu vestido novo desbotado logo á primeira lavagem, muitas senhoras estão soffrendo diariamente.
A culpa, entretanto, não cabe á lavadeira; é que a fazenda foi primitivamente tingida com corantes de qualidade inferior.
Não passa por taes dissabores a senhora que só usa tecidos tintos com
INDANTHREN
corante fixo que resiste á influencia do sol, da chuva e das repetidas lavagens.
Verifiquem se os tecidos trazem collada á peça a etiqueta registrada.
KOHOUT.
Indanthren

carnaval

O baton — rimmel — o perfume — parafina — o pó — etc., ao espelho:

—Q

UE talento tens tú? Porque vives a reflectir tudo em tuas pupilas de aço? Pobre diabo, sem imaginação. Ou antes, imaginação de espelho. Que valeria nossa ama sem nós? O que tu lhe apresentas pela manhã. Grosseiro. Nós lhe damos tudo. E' mentira a sua belleza? Mas, quanto vale a mentira quando é bella? E o que vale a feiura quando é sincera?

O *espelho* timidamente:

— Eu mostro o que me mostram.

Os *outros:*

— Pois nós encobrimos o que não devemos mostrar. Vae — desapparece.

(Na quéda o espelho viveu uma viua. A sua face lisa cobriu-se de rugas).

———o———

O *louco* juntando os fragmentos:

— Pobrezinho. Eu era como eras e fiquei como estás. A minha alma era sincera, lisa como a tua, espelho, e os homens a quebraram. E os fragmentos se juntaram. E hoje eu deformo tudo. Acostumei-me a mentir como teus irmãos: os curvos e convexos. E as facetas quebradas alongam aqui ao infinito o que era chato e achatam ali o que era longo. Pobrezinho.

josé julio ramos

GRAÇA ARANHA

Na vida de Graça Aranha, a coherencia da Philosophia e da Arte, duas grandes preoccupações e á sombra das quaes esteve constantemente recolhido e abrigado, é o traço, por excellencia, do seu elevado pensamento. Dessa coherencia fez elle questão até o derradeiro instante da existencia, falando ou escrevendo, num trabalho continuo e fecundo.

Iniciado — quasi uma creança — nos debates philosophicos da velha Escolha de Recife, acudiu logo ao toque de reunir dado por Tobias Barreto, que bradava pela emancipação espiritual contra o Estado e contra a Egreja. As vagas encapelladas do grave incidente politico denominado disciplina militar sem servidão de consciencia abalavam o paiz e conduziam tempestuosamente, um tanto ao acaso, é verdade, a Abolição, a Federação e a Republica. O joven maranhense adoptou immediatamente as tres formulas: foi abolicionista, federalista e republicano. Entrava assim para as mais altas conquistas da intelligencia e do saber, negando os preconceitos, paladino enthusiasta da "libertação integral".

Quasi meio seculo decorrido de energias dispendidas e de creação de bellezas, Graça Aranha acaba o mesmo artista, o mesmo pensador, o mesmo homem.

Quando em fevereiro de 1922, em São Paulo, elle inaugurou, no Theatro Municipal, a Semana de Arte Moderna, teve necessidade de proclamar, afim de que todos se pudessem orientar a respeito do movimento que forjava: "Cada um se julga livre de revelar a natureza segundo o proprio sentimento libertado. Cada um é livre de crear e manifestar o seu Sonho, a sua Fantasia intima desencadeada de toda a regra, de toda a sancção. O canon e a lei são substituidos pela liberdade absoluta que nos revela, por entre mil extravagancias, maravilhas que só a liberdade sabe gerar. Ninguem pode dizer com segurança onde o erro ou a loucura na Arte, que é a expressão do estranho mundo subjectivo do homem".

As affirmações ousadas chocaram o academicismo e intrigaram os mais distrahidos — a maioria da opinião — que não comprehendiam o renovador dentro de uma Academia conservadora, com ella dormitando placida e beatificamente. Graça Aranha respondeu que a Academia despertaria, se não quizesse morrer. Iria convidal-a ao trabalho e á utilidade. Assim o fez. Em julho de 1924, considerando que a Academia não devia ser a Casa dos Espectros, propoz-lhe a reforma completa dos trabalhos, no que foi contrariado. O revolucionario verificou que não estava em logar compativel com as suas idéas e os seus sentimentos. Elle, que dali já vivia arredio, abandonou o Cenaculo definitivamente, dando de publico as razões da sua attitude. Pensava á sahida exactamente como raciocinara á entrada, na fundação, nesta carta escripta quasi inedita, a Lucio de Mendonça:

"Fez-me V. uma insigne e honrosa surpresa convidando-me a ser um dos membros da Academia de Letras, que por sua iniciativa vae ser fundada. Confesso que fiquei embaraçado para immediatamente recusar, como devia, o logar que a sua bondade me assignala entre os *immortaes brasileiros*. Resolvi, porém, escreved-lhe deste modo dizendo por que não acceito o seu convite. Antes de tudo, ha uma razão de ordem pessoal que se refere á minha situação literaria. Como sabe V., não sou autor de livros, não sou escriptor. Raros artigos publicados na *Revista Brasileira*, não me fariam ornar com este distinctivo. Quando muito, sou um aspirante á profissão, aguardando sem pressa que as circumstancias definam-me a vocação e mostrem-me o rumo a seguir. A Academia não é uma simples sociedade recreativa e literaria; tem a missão mais elevada, directora do mundo intellectual, e por isso presume-se ascendencia em seus membros, escriptores feitos, tendo contribuido para enriquecer a literatura em sua vasta comprehensão, ennobrecendo-a e influindo nas gerações e na cultura de seu tempo. Sob este aspecto, a Academia não é um ninho onde se

emplumem aves, é uma consagração. Que se honre e confie a proeminencia, ou, como se quer agora, a autoridade (digamos a palavra odiosa) dos Srs. Machado de Assis, Ruy Barbosa, José Verissimo, Joaquim Nabuco. Aluisio Azevedo, Taunay, R. Corrêa, ao poeta das *Canções do outomno* e a alguns outros, comprehende-se. A mim, porém? Por que? Não vejo como qualificar o meu *direito* e assim peço-lhe que me dispense de fazer figura de *sepulchro branqueiado*, simulacro de escriptor, cujos titulos tenham por origem a condescendencia e a camoradagem.

Se tal é o meu caso, temo que entre os quarenta escolhidos outros estejam nas mesmas condições, e nesta hypothese, a instituição, lisonjeando a vaidade dos principiantes, confundindo mediocres e notaveis, anniquilará o esforço collectivo, destruirá o estimulo individual e será perniciosa a todos. Por outro lado, se eu tivesse voto na materia, seria contrario á fundação da Academia. Não que a repute ridicula; não me sinto com disposições de reeditar Chamfort. Uma instituição creada por V., e naturalmente composta com os que acima apontei, deve ser tomada a serio. Mas exactamente por isso a considero prejudicial á literatura brasileira. Pelas minhas tendencias, francamente libertarias, sou contrario a toda a protecção do Estado. E' certo que a Academia funda-se livremente; mas em virtude de uma tentativa falha disfarça o jogo e busca indirectamente os favores officiaes. Quer dizer: a literatura vae ser enfeudada ao governo, exactamente como fez Richelieu, convertendo-a em instrumento de reinado. O caso da França é o unico no seu genero, e sem duvida pela força de expansão, de originalidade, de liberdade, não se póde equiparar a literatura franceza á da Inglaterra, onde a politica em relação ás letras, é positivamente diversa. Seria impossivel entre inglezes o espectaculo de literatos officiaes, forçando rimas em louvor do Tzar. Tem-se dito que na França domina a regra, e a ordem ali para firmar a unidade comprehende todas as manifestações de vida. Na Academia não penetraram os desordeiros, os exuberantes, os fortes. Mas não foram elles os creadores, os Moliére, os Rousseau, Diderot, Balzac, Flaubert, para citar sómente aquelles que têm renovado as facturas do espirito literario No Brasil, que não é a França, a cousa é peor. A materia intellectual, a producção não é tão viva, tão luxuriante que precise ser arregimentada. Trata-se de um pequenino ribeiro cujas aguas se quer

Graça Aranha com sua afilhadinha

agora cantar para leval-as a uma piscina limpa, ladrilhada, porém esteril, seccando-a por falta de seiva em sua fonte. Deixemos o filho da floresta entregue á sua braveza natural, deixemol-o engrandecer-se livremente".

O grupo fundador não tomou conhecimento dessa recusa dirigida ao poeta das *Canções do Outomno*. Machado de Assis e Joaquim Nabuco insistiram pela adhesão de Graça Aranha, sem a qual a Academia lhes pareceria uma coisa convencional. Então, o revolucionario mandou ao ironista de *Dom Casmurro* este bilhete:

"Ainda cheio de suas commovedoras invocações, reli hontem á noite que Job, depois de disputar loucamente com Deus, tapou a bocca. Estou deante de V. na attitude do grande humilhado. Não é preciso repetir aqui o livro santo; não me pergunte onde me achava quando Jehovah creou Braz Cubas. Cedo ás honrosas insistencias suas e do nosso amado Joaquim Nabuco. Rendo-me á discrição; sou um forçado da Academia. Agora deixe-me a consolação de que a amizade, como fundamento da solidariedade humana, tambem é um *principio libertario*. E assim posso exclamar tranquillo: como é doce a incoherencia!"

E era mesmo um forçado. Mais de tres decennios durou o constrangimento dessa amizade, "principio de liberdade da solidariedade humana". Para ser sincero, o artista não conhecia as subtilezas do habil.

Toda a sua obra é um esforço desassombrado para avançar e vencer. Animador de intelligencias, creador de energias, fabricante de bellezas, nelle o philosopho e o romancista não se repetem nem se reeditam. Caminharam sempre para a frente. A sua morte inesperada, quando os amigos e admiradores o suppunham esplendido de saude pela actuação corajosa que vinha excercendo na victoria do espirito moderno, foi uma perda enorme, desoladora. A propria Academia, da qual o extincto não guardava maguas, pela voz eloquente do seu presidente, mandou dizer-lhe, á beira do tumulo, que não se conformava e que estava inconsolavel.

Deante da sepultura aberta só via a immortalidade do outro. Esquecia o passado. Naquelle momento, ella soube bem comprehender o homem de pensamento e de acção que a tinha querido gloriosa e que do ser coherente comsigo mesmo.

M. PAULO FILHO

COLLETTE MOREIRA

ESPELHO

Uma aldeia arabe perto do Cairo

Branco rico

Ciganos do Sudan brigando a páo

DIA DE FESTA...

— Você está alegre, Idalina?
— Estou. E você?
— Eu tambem.

A moda em Paris nos fins do seculo XVIII

Quando a gente olha para a vida que passou
parece sempre que está vendo o carnaval

A PROPOSITO.

Como se chama aquelle soneto de Raymundo Correia que o Macario recita?
— E'... E'... "Mal Secreto".

Preto pobre

Bóde

Gato

Samba::

DE

ALVARO

MOREYRA

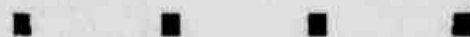
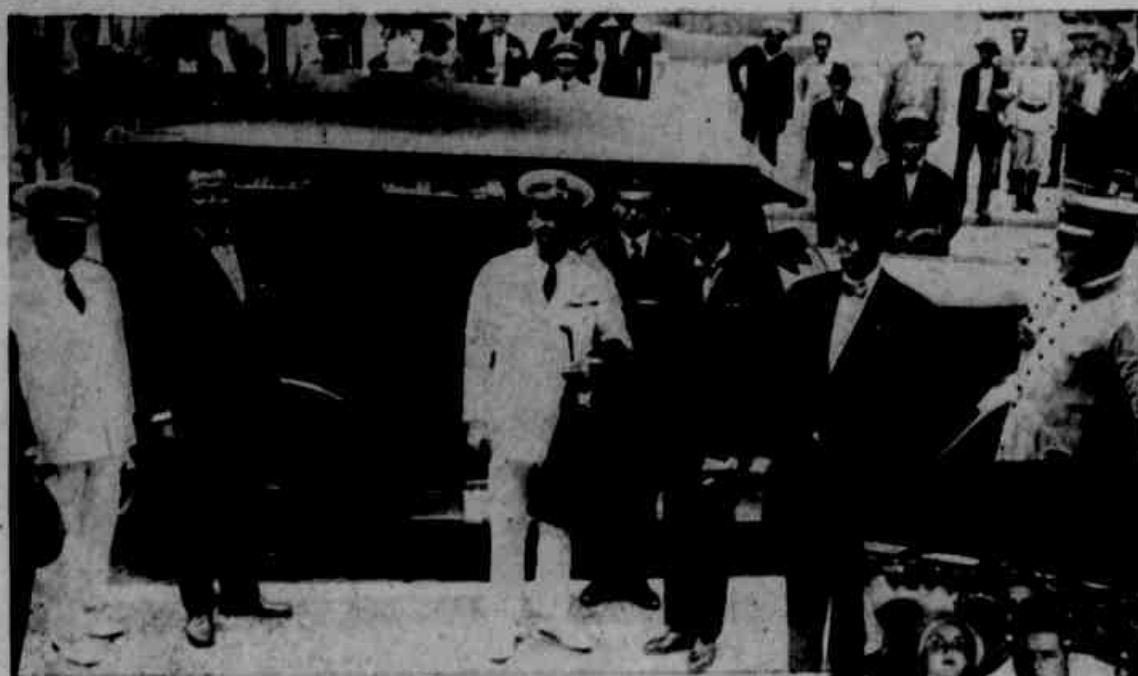
Você disse que era minha
e que eu era de você.
Mas você nunca foi minha
e eu nunca fui de você.

E' por isso com certeza
que nós ficamos iguaes,
sem prazer e sem tristeza.
Rosa é bonita na mesa,
na roseira ainda é mais.

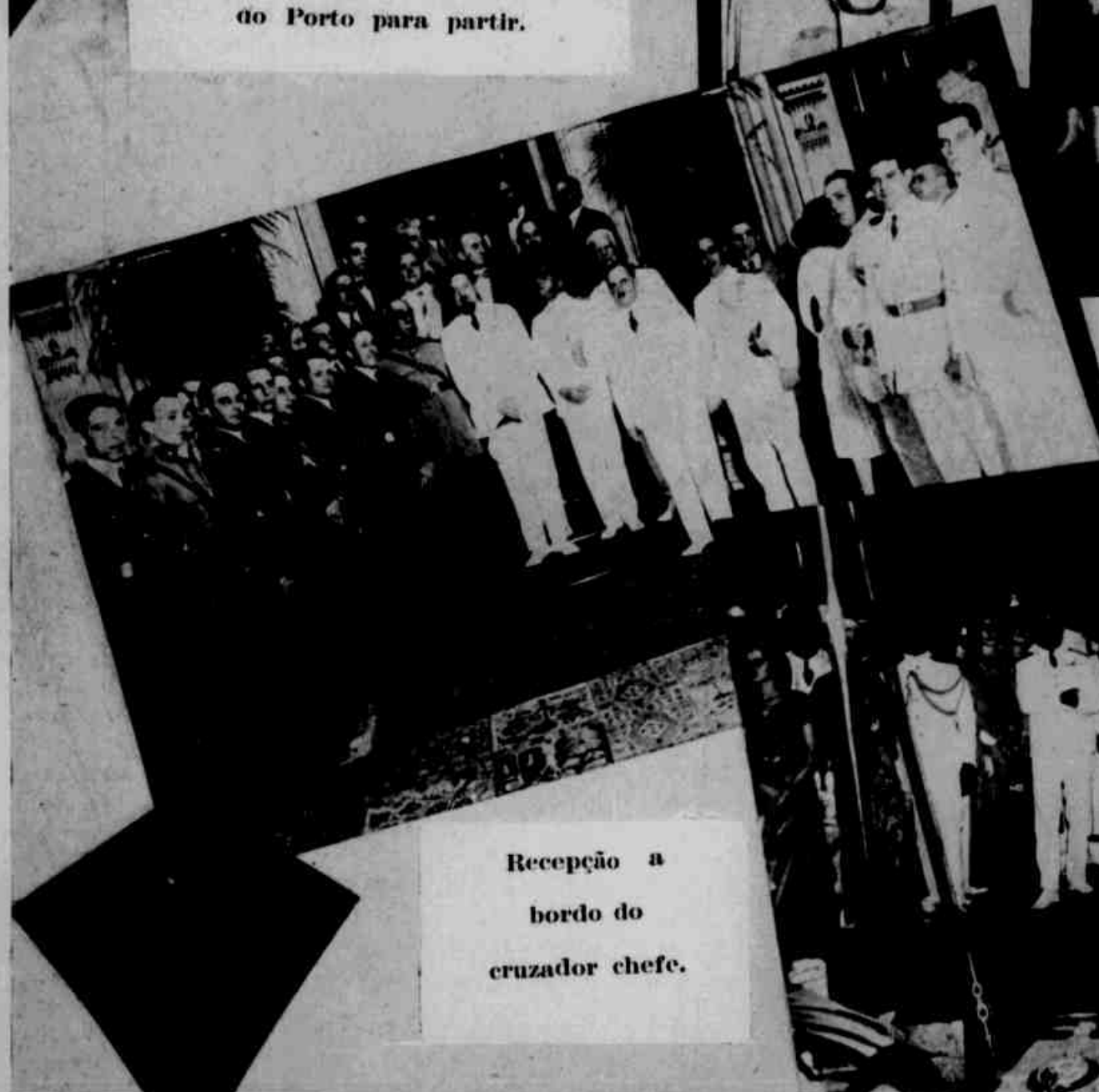
Bem que você quiz ser minha.
Bem que eu quiz ser de você.
Mas se você fosse minha,
eu não era de você.

Vá seguindo a sua estrada.
Por outra estrada é que eu vou.
Felicidade esperada
sempre torna desgradaçada
a gente que a esperou...

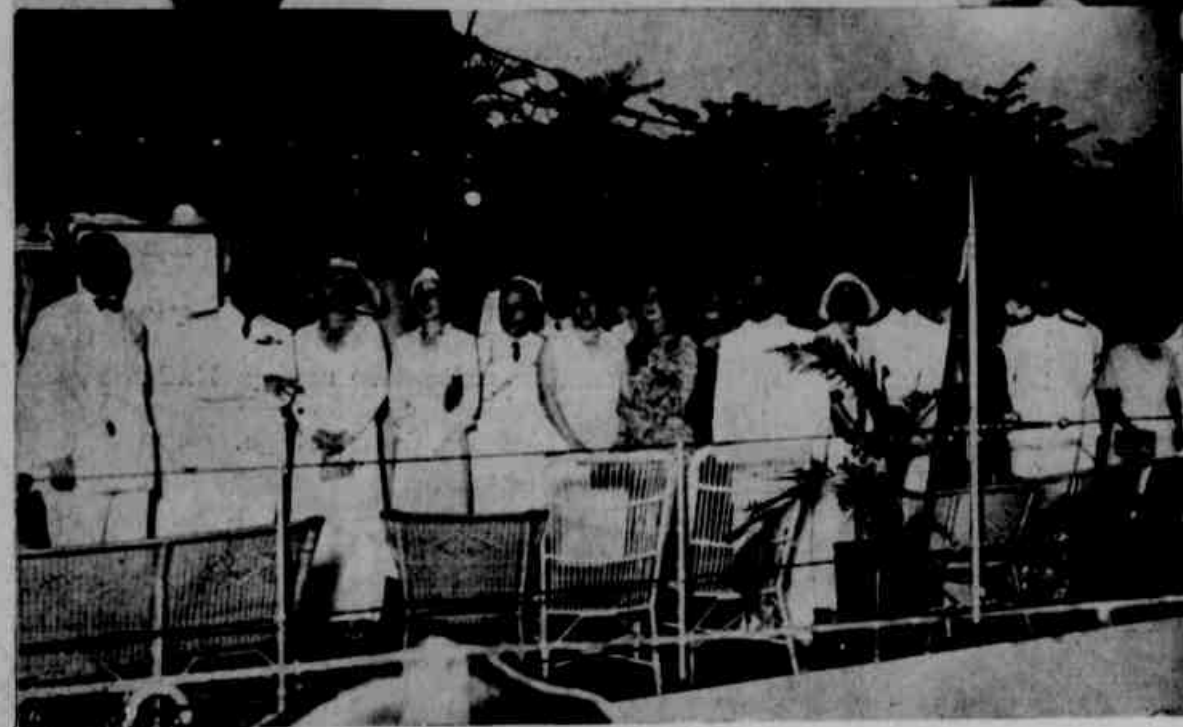
No baile do Praia Club

Fantasias premiadas: Graça: Maria Helena Milliet. Luxo: Myrtes d'Avila Pereira. Originalidade: Elza Lerche. Em baixo, uma das fantasias que maior exito tiveram na linda festa de domingo.

O Ministro da Aeronautica da Italia

O chefe da Esquadrilha Aerea chegando ao Cáes do Porto para partir.

Recepção a bordo do cruzador chefe.

O Brasil recebeu com immensa sympathia os aviadores e marinheiros da Italia.

O RETRATO de Madame de Sabran

por ANDRÉ LE BRETON

AOS sonhadores amantes do passado, áquelles que querem bem ás bellas mortas do tempo antigo, eu offereço estas paginas.

Devo-as á gentileza de um artista belga, Armand Rassenfosse, que Eugène Carriere estimava muito.

Recebi, por intermedio delle, noticias de um retrato que ha muito se julgava perdido ou destruido: o da condessa de Sabran, feito por Madame Vigée-Lebrun.

Os senhores de Magnieu e Prat, que foram os primeiros a publicar, em 1875, as cartas da condessa ao cavalheiro de Boufflers, em vão procuraram esse retrato.

Descobriram apenas uma gravura, conservada no Gabinete das Estampas, que reproduziram na entrada do livro. O original entretanto não desapparecera. Elle viveu, sem duvida, mais de uma aventura que não conheceremos jámais. Talvez tivesse sido roubado no tempo da Revolução, quando Madame de Sabran emigrou; talvez, levado com ella e vendido num momento de completa miseria; talvez tivesse pertencido por algum tempo ao principe Henrique da Prussia. O que em todo caso eu hoje sei, com absoluta certeza, é que em 1863 elle foi parar em Liége, na loja de uma velha adela, que um habitante da cidade, o senhor Brahy-Prost, o comprou e que, em 1910, um seu filho, herdeiro delle, vendeu o quadro a um negociante de pintura, senhor Guirand (ou Gunaud?) de Paris. Ahi, de novo, pérco o seu rumo. Mas, em Liége, anteriormente, elle fôra photographado. O senhor Armand Rassenfosse obteve, a meu pedido, uma prova. E é assim que Madame de Sabran póde agora reapparecer tal como Madame Vigée-Lebrun a pintou em 1786 — muito mais viva do que na velha gravura e muito mais dlicadamente linda!

Recordo em poucas palavras quem foi ella e o valor da sua correspondencia com Boufflers. Nascida em 1750, casada, muito joven, com o Conde de Sabran qne tinha mais quarenta e sete annos do que ella, enviuvou aos vinte e quatro. Viuva com dois filhos: um filho que foi um dos adoradores Madame de Staël, e uma filha que se tornou Madame de Custine, a Madame de Custine, de Chateaubriand. Tinha fortuna, morava em Paris num bello predio, proximo do Elyseu e passava commummente uma parte do verão em casa de Monsenhor de Sabran, bispo de Laon, que habitava o castello d'Anizy, destruido na ultima guerra, e do qual resta apenas as ruinas informes. Não parece que tenha sido muto mundana, embora o seu nome lhe abrisse todas as portas e fosse sempre bem recebida na Côrte cada vez que lá se apresentava. Gostava de estar em casa junto dos filhos e num grupo de algumas amigas, como a Condessa d'Arenberg e a Condessa Diana de Polignac. Loira, sobrancelhas castanhas, olhos azues; era appellidada "Sabran, a mal penteada", por causa da abundante cabelleira sempre revolta. Mas não era a propria graça o pequeno rosto enquadrado naquellas sarças de ouro? Sim, ella era encantadora.

Póde ser que eu seja mau juiz, pois sinto perfeitamente que estou vagamente enamorado della. Sabe-se, por exemplo, de Victor Cousin, sucessivamente amoroso de Madame de Longueville, de Madame de Sablé, de Madame de Chevreuse e de outras damas do tempo passado das quaes elle escrevia a historia; que os universitarios, e principalmente esses que vivem muito entre os velhos livros, são dados a esses amores posthumos — amores que não têm evidentemente nada de culpavel e que as mães deviam mesmo encorajar nos filhos...

O que é interessante em Madame de Sabran, o que dá originalidade e seducção á sua physionomia, é o contraste entre a bocca espiritual e os grandes olhos ternos, até um pouco languidos.

Musset teria dito, imagino, que ella lhe lembrava a esrenata de Don Juan, a serenata em que o langôr do canto é como que contrariado e escarnecido pelo acompanhamento e que elle tão engenhosamente commentou em **Namouna**. Boufflers, não cultivava luares na alma; terno, mas sempre de bom humor. Era filho de um celebre Marquez de Bouffers, que fôra por muito tempo ligado ao rei Stanislas Secznski. Primeiro destinado ao sacerdocio e enviado ao seminario, de onde logo sahiu para ser cavalheiro de Malta **não professo**, o que lhe permittia conservar parte dos beneficios ecclesiasticos — e o rei Stanislas concedeu-lhe 50.000 libras de renda annual — sem que fosse obrigado a ter qualquer coisa de sacerdote nos costumes.

Tornou-se coronel do regimento de Chartres. Até o encontro com Madame de Sabran, a sua vida fôra de um homem futil, jogador, conquistador. Escrevia poesias amorosas, improvisos, fugitivas como chamavam então, e tambem pequenos contos muito livres, entre outros Aline, rainha de Golconda; dava-se com Voltaire, a quem visitava em Ferney; com o principe de Ligne que encontrava na côrte de Maria Antonietta, e a verdade é que tinha muito espirito. O encontro com Madame de Sabran data de 1777. Ella andava nos vinte e sete annos, elle nos trinta e nove. Entre elles havia um duplo obstaculo: de um lado, os filhos da Condessa, que se preoccupava mais com a felicidade delles do que com a propria; e, de outro lado, a insufficiente fortuna do cavalheiro que, casando-se, teria que renunciar aos bens ecclesiasticos, isto é, a todos os seus bens por poucos que fossem. E' provavel que elles tenham vivido primeiro unidos por um desses casamentos secretos, que se usavam naquelle tempo, em caso de embaraços.

"Se eu fosse joven, se eu fosse rico, — escrevia um dia Boufflers á Madame de Sabran, — ha muito que usariamos o mesmo nome; mas só um pouco de honra e de consideração para fazer esquecer a minha idade e a minha pobreza; minha gloria, se alcançal-a, um dia, será o meu dote e o teu ornamento". Esse vadio amavel foi ambicioso por amor; procurou representar um grande papel; teve coragem de se separar daquella que amava para occupar o difficil cargo de governador do Senegal; passou lá duas temporadas, de 1785 a 1786 e de 1786 a 1787, levando com elle o retrato que acabára de pintar Madame Vigée Lebrun. Depois, foi deputado. Mas a Revolução arruinou os seus sonhos de gloria e de fortuna. Ella e elle tiveram que deixar Paris, fugir ás pressas, sem dinheiro, sem resursos, para escaparem á guilhotina.

Encontraram por algum tempo refugio em Rheinsberg, em casa do principe Henrique da Prussia, irmão de Frederico II e amigo de Boufflers; mais tarde, em Breslau, onde o casamento foi officialmente e publicamente celebrado; emfim na Polonia. Em 1800, quando o Primeiro Consul autorizou a volta dos antigos emigrados, elles voltaram para a França. Novos soffrimentos os esperavam, necessidades de dinheiro, não obstante a pequena pensão concedida por Napoleão; outros aborrecimentos, mais penosos ainda, lhes vieram de Madame de Custine e de Elzéar de Sabran. Boufflers morreu primeiro, em 1815. A viuva sobreviveu até 1827. Não sabemos nada dos seus ultimos annos, apenas que foram tristes. — como são sempre, penso, os ultimos annos de uma longa vida.

... com esse unico tiro matei duas lindas pombas...

Madame de Sabran, por Madame Vigée-Lebrun

A correspondencia, que vae de 1777 a 1787, constitue um verdadeiro romance, um romance honesto, coisa rara, um romance authentico e delicioso. O leitor desvenda sem trabalho as etapas essenciaes. Elles se amaram logo á primeira vista. Ella fez, é verdade, tudo que pôde para se vencer; resistiu muito tempo, impedindo o "Eu te amo", não querendo ouvir senão a linguagem da amizade.

E até ahi, não ha nada de extraordinario, é a marcha geral das coisas. Ella o chamava: "Meu irmão". Elle a chamava: "Minha irmã".

Mas existem cem maneiras de dizer que se ama sem o dizer e todas essa maneiras um cavalheiro as conhecia.

Quando havia necessidade exprimia-se em latim. A partir de 1781, começaram a se tratar por tu: "Meu marido, — minha mulher, — meu coração, — minha filha".

O tom não ficou menos bonito do que no passado. La Bruyère disse que ha repetições para o ouvido, que não são para o coração. Com elles, mesmo para o ouvido, não havia repetições, porque se amavam com todo o espirito ao mesmo tempo que com todo o coração.

Por que e como elles se amaram tão depressa? Ella vae nos contar:

"... Não foi de certo o effeito dos meus encantos, que não existiam mais quando me conheceste, que te prendeu junto de mim; não foram tambem as tuas maneiras de Huron, o teu ar distrahido e teimoso, os teus ditos picantes e verdadeiros, o teu grande appetite e o teu somno profundo quando se quer conversar comtigo que me fizeram amar-te até á loucura: foi qualquer coisa que eu não sei o que é, que une as almas, uma certa sympathia que me faz pensar e sentir como tu. Pois, dentro desse enveloppe selvagem, occultas o espirito de um anjo e o coração de uma mulher. Tu reunes todos os contrastes e não ha criatura no céo e na terra que seja mais amavel e mais amada do que tu".

Foi bem assim: elles se amaram pelas differenças e pelas affinidades que existiam entre elles.

Ella era honesta, ajuizada, um pouco **philosopha**, segundo o termo do seculo, muito culta, capaz de escrever em latim, inglez, italiano, de escrever versos, de pintar, de tocar cravo ou harpa; era amorosa, espiritual, um pouco sonhadora e melancolica; pensava muitas vezes na morte; lêra Jean Jacques e se enternecia diante de uma paizagem, diante de uma scena campestre; foi visitar o tumulo de Jean Jacques em Ermenonville; fraca, embora tenha vivido setenta e sete annos, sempre um pouco fatigada; emfim, é preciso dizer mais uma vez, encantadora.

A festa acaba com uma illuminação do castello de Bagatelle

A Rainha dá um beijo no pequeno Elzéar...

Elle era voluvel e muito corpulento, — chamavam-no **o mais corpulento dos homens leves**, — grande dorminhoco, mas, desde que se levantava, alegre, amoroso, em uma palavra, nada menos encantador do que ella.

Vamos ouvir dialogar essas duas vozes d'além tumulo? Vou transcrever uma das primeiras cartas de Madame de Sabran e a resposta de Boufflers:

"Sinto hoje necessidade de conversar com você, meu irmão, para me alegrar e me distrahir de certa visita que acabo de fazer, e que visita! Uma visita que só se faz em certas occasiões, aos pés de um certo homem, para confessar certas coisas que não lhe direi. Estou ainda cançada e envergonhada. Não gosto nada dessa ceremonia. Dizem que é muito salutar e eu como mulher de bem, me submetto. Espero que d'agora em diante terá fé nas minhas reliquias; mas não terá nos meus almanacks quando souber que as minhas cartas chegam, ás suas mãos, sempre com seis dias de atrazo, porque são sempre datadas com seis dias de atrazo.

Você accusava o correio e eu tambem; mas descobri, examinando bem, que eu não sei nunca o dia do mez nem da semana; foi a minha ultima carta que me esclareceu: está datada de 6 de Abril e foi escripta a 12. Só percebi, depois que a carta partiu, com grande espanto, que estava mais velha seis dias e pensei que você gritaria contra o pobre correio que é innocente.

Hoje é um dia de absolvição, meu irmão; dê-me tambem a sua absolvição, para que nada me reste a desejar. Adeus... Não me queira nunca senão com uma amizade fraternal e eu terei sempre por você uma amizade de irmã. **Pax tecum e cum spiritu tuo".**

Resposta de Boufflers:

"Como, Magdalena encantadora, você sae do confessionario onde disse muitas coisas que não me contará,—a mim que lhe direi tantas coisas que o meu confessor nunca saberá! Meu Deus! como estou sentido!

E que dizia este homem que via você aos pés delle? Que eu não era o seu confessor! Que não sou o seu peccado! Que não serei a sua penitencia!... Adeus, minha irmã. Estou grippado; tusso como um lobo e choro como um cordeiro. Se você tivesse uma grippe igual, estaria absolvida pelo tribunal da penitencia".

Mais adiante, depois de phrases amaveis em que se occultava um pouco a ternura, ouvimos a linguagem do mais verdadeiro amor:

"Não me odeies por te amar muito. Tem piedade da minha fraqueza, ri da minha loucura e que ella não perturbe nunca a paz do teu coração. Estou vencido de vergonha e de remorsos; penso em todas as provas de interesse, de amizade e de amor que tu me deste desde que te conheço e que me dás todos os dias e me acho um monstro de ingratidão. Sinto que tu não te queixas bastante, que os nomes de Megera, de Alecton, etc., com que me chamaste hontem na tua colera, são ainda muito

doces para mim; mas tem paciencia, meu filho, quero, á força de te amar, apagar todas as minhas faltas; o meu ciume e o meu mau humor não terão idéa de alterar, por um instante que seja, a tua felicidade. Vae, livre como o ar, abusa, si quizeres da tua liberdade, eu prefiro isso a te fazer sentir o incommodo de uma corrente muito pesada. Quero que apenas a tua vontade te guie para junto de mim, e que nenhuma deferencia, nenhuma consideração te conduza; não posso ser feliz á tua custa. Adeus, meu coração; que tu me ames si quizeres, ou antes, si puderes; mas, lembra-te sómente de que ninguem no mundo te ama e te quer como eu, que só amarei a vida passando-a junto de ti".

Por duas vezes, emquanto Boufflers esteve no Senegal, elles se separaram por longos mezes e immensa distancia. Então, redigiam os jornaes intimos nos quaes as almas se esforçavam por se encontrar e se unir, onde continuavam a viver um para o outro. E, por isso, lá estão todas as tristezas da auzencia, todas as inquietudes, todas as agonias de dois amantes que a vida separa; mas, estão tambem, em cada pagina, pensamentos finos, bellos traços de espirito, graça, galanteios:

"...Adeus, minha irmã, volte; tenho necessidade de você como se tem de ar no verão e de sol no inverno... Beijo-lhe como bom pae, bom irmão e amigo suspeito..."

... O senhor de Catuelan viu que ella se dirigia para elle...

"...Ando occupado com grandes negocios e importunado com pequenos: é como si eu fosse comido pelas moscas numa caçada de elephantes..."

"...Si tu estivesses aqui tudo isso seria agradavel... para ser feliz em tudo só tu me faltas assemelho-me ás palmeiras daqui que só florescem junto das suas companheiras..."

"...Acho que o trabalho e a inquietude produzem em mim o mesmo effeito que o enfado ás mulheres, pois ha alguns dias que me voltaram a força, a saude e o somno, tu vaes me rever mais ou menos o mesmo, — salvo um dente que quasi acabo de quebrar, — e um olho que quasi as formigas me comeram: o pouco que resta não vale a pena falar, pois diminuiu tres quartos das dimensões anteriores, mas, promettem-me que isso se arranjará e o olho conserva na sua obscuridade a esperança de te rever e dizer que te ama..."

"...Eu sou um barbaro, minha filha, venho de uma caçada de passaros. Apanhei uma duzia nas redes... Mas não é isso o que fiz de peor: dei um grande tiro de fusil e, com esse unico tiro matei duas lindas pombas...

Estavam na mesma arvore, olhavam-se, falavam, beijavam-se, só pensando no amor e a morte veiu no meio das caricias. Cahiram juntas sem movimento e sem vida, a cabeça tombada com uma certa graça triste e tocante que fazia pensar que ellas se amavam ainda depois de mortas; lastimando-as, eu as invejei. Não soffreram; a existencia não terminou com dor; o amor não acabou com a frieza. As pobres almas vôam ainda e se acariciam nos ares; não temem mais a morte; temem talvez, ser um dia condemnadas a nascer em épocas distantes uma da outra e por conseguinte viver uma sem a outra.

Tudo isso dá que pensar, principalmente a ti que gostas tanto de te entregares aos systemas e aos sentimentos. Adeus, minha filha..."

Esta correspondencia não vale apenas pela graça espiritual e terna das phrases trocadas. Nella se encontra uma multidão de anecdotas, de allusões, de pequenos commentarios sobre os costumes que formam como que um fundo de quadro. Ha cartas em que o jornal da Condessa evoca para nós toda a vida de uma grande dama do reino de Luiz XVI. Nós a vemos em Versailles. No dia da Pentecostes, assistimos com ella a "procissão dos Cordons bleus", ao solemne desfile de todos os grandes senhores, levando no pescoço a larga fita azul, insignia da ordem do Espirito Santo; e na galeria do castello onde se comprimia toda a Côrte em trajo de apparato, na Galeria dos Espelhos de onde a vista abrange a incomparavel perspectiva da Aléa real e do Grande Canal até a extrema ponte de Galis, a rainha deu um beijo no pequeno Elzéar de Sabran que acompanhava a mãe. — Outro dia, conta uma ceia em casa da duqueza de Polignae, que era, com Madame Lamballe, a mais querida amiga de Maria Antonietta; e, nessa ceia, o archiduque da Austria, irmão da rainha, intimidou a tal ponto a joven Delphina de Sabran que a menina se escondeu, por entre risos, no extremo opposto do salão. — Outra vez ainda, em casa dessa mesma duqueza, representaram uma opera de Glück, **Iphigenia em Tauride**, que era ainda desconhecida e dois pequenos papeis de figurantes foram representados por Elzéar e Delphina.

A cartomante annunciou gravemente que ella era amada...

— Em 1786, vemos Madame de Sabran convidada para uma festa que o conde d'Artois deu no seu pequeno castello de Bagatelle; o Conde fez com que subisse na sua caleche que elle mesmo guiou, "tão ligeiro como o vento", atravez do Bois de Boulogne; durante o dia, o illustre comediante Dugazon apresentou um desses proverbios que Carmentelle acabava de pôr em moda e que mais tarde foi imitado com tanto talento por Alfredo de Musset; a festa terminou com uma illuminação do castello e dos bosques que o rodeiam. — E tambem as superstições da epoca: pois si a fé religiosa enfraqueceu no seculo XVIII sob os golpes de Voltaire e dos Encyclopedistas, as almas ficaram mais do que nunca avidas do subnatural e as mesmas pessoas que formavam os espiritos fortes se deixavam enganar por charlatães, por Mesmer ou Cagliostro. Madame de Sabran conheceu este, de nada lhe adiantou ser uma mulher intelligente, um pouco **philosopha** mesmo, ella era do seculo, e contou a Boufflers, sem sorrir muito, maravilhosas historias de magia e de feitiçaria, esta por exemplo:

"Não sei se conheces o senhor de Catuelan; ha séis mézés mais ou menos que a respeito d

senhor Cagliostro falaram num homem que tinha o poder de fazer voltarem não sómente os mortos, mas os vivos, estivessem elles no fim do mundo. Catuelan era muito ligado a uma dama ingleza cuja ausencia supportava com muita tristeza. Foi procural-o e pediu-lhe insistentemente para fazer com que elle a visse e offereceu-lhe por isso uma parte do que possue... Taes coisas fez que por fim elle se decidiu.

— Meu senhor, — disse o homem ao senhor de Catuelan — não posso lhe encobrir que, se cedo ás suas instancias, o senhor corre o maior dos perigos; mas se isso não o assusta, siga-me: o senhor vae ver a pessoa que deseja e vae lhe falar, com a condição entretanto de não se demorar com ella mais de um quarto de hora, pois, passado este tempo, não respondo por mim nem pelo senhor... — Chegaram á porta de um pequeno gabinete...

— Apanhe um martello que está em cima da chaminé; bata tres vezes...

— Effectivamente, elle entrou, bateu, esperou e de repente viu que ella se dirigia para elle com o ar mais amavel possivel:

— Ah! cavalheiro! como está neste paiz? Eis uma surpresa bem agradavel (ella pensava que elle estivesse na Inglaterra); o senhor escreveu-me ultimamente mas não me disse uma unica palavra a respeito. Como estou contente! Elle não podia acreditar nos olhos; approximou-se, olhou-a, pegou-lhe na mão... e esqueceu-se completamente do tempo, tanto que o quarto de hora estava quasi esgottado, faltava apenas um minuto. — Dê-me o seu annel, — disse-lhe elle, — para que eu me convença de que tanta felicidade não foi um sonho. — Ella lhe deu o annel e, quando se despediam elle ouviu gemidos e lamentações que o fizeram estremecer; retirou-se, a dama desappareceu elle viu então o feiticeiro cahido no chão quasi sem poder respirar. A sua presença o reanimou; mas disse-lhe que dahi a um momento aconteceriam maiores desgraças... O senhor de Catuelan desculpou-se, pedindo-lhe proporcionar-lhe mais algumas vezes esses instantes de felicidade. — Com muito prazer, respondeu elle, mas com a condição do senhor não contar a ninguem o que se passou. — Catuelan prometteu sob palavra. Mas no dia seguinte contou a estranha aventura ao senhor de Malesherbes que o imaginou louco, de começo, mas que não soube o que responder quando elle lhe mostrou o annel que recebera da propria pessoa que vira. Pediram informações; o senhor de Catuelan quiz reencontrar o homem; elle desapparecera e apesar das pesquisas que fez depois, não conseguiu noticias delle; ficou desesperado, como podes imaginar; mas a culpa foi da indiscrição. Ficou curioso de saber o que a amiga fazia na Inglaterra no momento em que fôra vista na França; escreveu-lhe perguntando sem dizer o motivo. Elle respondeu-lhe que naquelle dia, áquella hora, sentira uma invencivel vontade de dormir, adormeceu e sonhou que o revia, que lhe falava e que, ao deixal-o, elle lhe pedira um annel, que ella lhe dera e que ao despertar inutilmente procurara, não estava mais no dedo..."

O casamento de Delphina

Aconteceu á Madame de Sabran se deixar conduzir, por sua amiga Madame de Jarnac, á casa de uma cartomante celebre, que a satisfez bastante, pois annunciou-lhe que ella era amada e que viveria noventa e nove annos.

E Madame de Jarnac comprou da cartomante o "pó para ser amada", ella tambem comprou: quando se trata de ser amado, não se pode desprezar nem mesmo os mais insignificantes meios.

Entre muitas das cartas que fazem reviver a França de outrora, uma das mais interessantes conta o casamento de Delphina de Sabran. Primeiro uma desventura succedida ao noivo e que, para dizer a verdade, não é particular á velha França, poderia tambem acontecer e de maneira não menos desastrada, a um noivo de hoje: o de Delphina, o joven Conde de Custine, viu-se forçado a mandar arrancar um dente na vespera do casamento e appareceu á nova familia com o rosto desmedidamente inchado.

O casamento realizou-se assim mesmo no castello d'Auizy; Monsenhor de Sabran disse a missa e Elzéar, que era ainda menino, trepado numa cadeira, segurou o véo sobre a cabeça dos noivos durante a benção nupcial. Depois do almoço todos desceram ao jardim; chegaram os aldeões da vizinhança, pastores e pastoras, formados em cortejo, o juiz na frente, para cumprimentarem a noiva e o noivo; estavam lá os rabequistas da aldeia com as suas rabecas, e dansaram e cantaram nos jardins, esperando a hora da ceia, e jogaram cartas, o jogo do pharaó.

— Em 1787, tres ou quatro annos mais tarde, nos primeiros dias da Revolução, os mesmos aldeões voltaram ao castello, mas, dessa vez para assaltal-o, emquanto cantavam o Ça ira e dançavam a **Carmagnole**. E nas ultimas cartas da collecção, ouvem-se os primeiros rumores da tempestade; o famoso caso do **Collar** que tão injustamente, mas irremediavelmente, comprometteu a rainha; a Assembléa dos notaveis que serviu de preludio á convocação dos Estados Geraes; o ministerio do senhor de Calonne e as coleras crescentes do Terceiro-Estado; os primeiros movimentos populares. O temporal approxima-se, as nuvens escurecem; é o momento em que as festas galantes do antigo regimen terminam e de que modo! ... nas prisões do Terror e no cadafalso.

Tantos detalhes datam a correspondencia de Boufflers e de Madame de Sabran. Aliás já outras coisas a dataram: o espirito e a graça que constituem um dos seus grandes encantos e que eram particulares aos mundanos da antiga França. Como essas estranhas cartas se parecem pouco com outras cartas de amor mais recentes, como as de Dumas pae, de Balzac ou mesmo de Musset, tão exaggeradamente lyricas, tão theatraes e muitas vezes tão vulgares!

Nenhum romanticismo na correspondencia da Condessa e do cavalheiro, nenhuma paixão violenta: apenas ternura, ternura profunda, constante, e espirito; uma melancolia discreta, um discreto bom humor; o cuidado de agradar e a arte de dizer bem; a distincção nata, a raça; pessoas que se davam ao trabalho de pensar e escrever friamente quê sempre, mesmo na intimidade, no mais intimo "tête-à-tête", continuavam sociaveis; aristocraticas, de outro tempo; pessoas que existiram, que não existem mais, que não veremos nunca mais.

Carnaval em São Paulo

Instantaneos do baile á fantasia do Club da Liberdade, no Palacete Taçayndaba.

LULA

NA sala de espera do Theatro Rialto, Lula botou uma porção de desenhos coloridos, uns feitos o anno passado, outros novinhos em folha, todos interessantissimos. Esse pintor que é quasi um menino tem um geito de crear bem delle. Lula vê a vida bonita. As mulheres quando passam pelos seus olhos ficam leves, tornam-se da mesma raça sensacional. Lula gosta das creaturas differentes. As figuras que apanhou nas rezas africanas do Recife (rezas cantadas e dansadas) mulatas e pretas, formam com os corpos das figuras brancas da exposição, uma alegria de acquario...

O Chefe do Governo do Brasil Novo assignou este decreto com o Ministro da Educação e Saude Publica:

"Considerando que o Conselho Superior de Bellas Artes, organizado na conformidade do art. 181 do regulamento approvado pelo decreto n. 11.749, de 13 de Outubro de 1915, não tem correspondido, durante os varios annos de sua existencia, aos fins a que foi destinado;

Considerando, tambem, que o referido orgão se resente de defeituosa constituição, tornando-se, por isso inefficiente no sentido de orientar, como lhe compete, o estudo das questões geraes de arte no paiz;

Considerando ainda que a actividade do Conselho se tem limitado á organização das exposições Geraes de Bellas Artes e consequente distribuição de premios, mas que nisso não poderá consistir a sua finalidade;

Considerando, finalmente, que na vigencia das actuaes disposições regulamentares, a actividade do mesmo conselho poderá constituir embaraço ao estudo ponderado da reforma que requer o ensino das Bellas Artes.

Decreta:

Art. 1 — Fica dissolvido o conselho superior de Bellas Artes, a que se refere o artigo 181 do regulamento approvado pelo decreto 11.749, de 13 de Outubro de 1915, passando as respectivas attribuições a ser exercida até ulterior deliberação, pelo director da Escola Nacional de Bellas Artes.

Art. 2 — Revogam-se as disposições em contrario.

Rio de Janeiro, 26 de Janeiro de 1931; 110º da Independencia e 43º da Republica — (aa) Getulio Vargas; Francisco Campos."

UM dos logares onde a gente ia com prazer era o Casino de Copacabana. Tinha certeza de encontrar ali optima companhia. O restaurante não seria para os amorosos da boa mesa, mas alimentava sem maiores prejuizos. A musica punha esquecimentos nos que a ouviam ou se aproveitavam della para emmagrecerem. Nos *reveillons*, nos bailes de Carnaval, o Casino com o seu irmão Hotel ficava sendo o endereço das pessoas que desejavam divertir-se entre pessoas iguaes. Infelizmente, a direcção cahiu em chefes genero á-bessa. E o genero dos chefes passou para os chefiados. Agora, nas salas que antes serviam de scenarios a convivencias cordiaes. até o rôlo se fecha como em qualquer botequim. E o que se escuta, no meio dos tangos, dos maxixes, dos *blues*, dá saudade do Conselho Municipal, da Camara dos Deputados e de outros Clubs fechados pela Revolução...

DE Remy de Gourmont:
A unica escola da felicidade é a illusão.

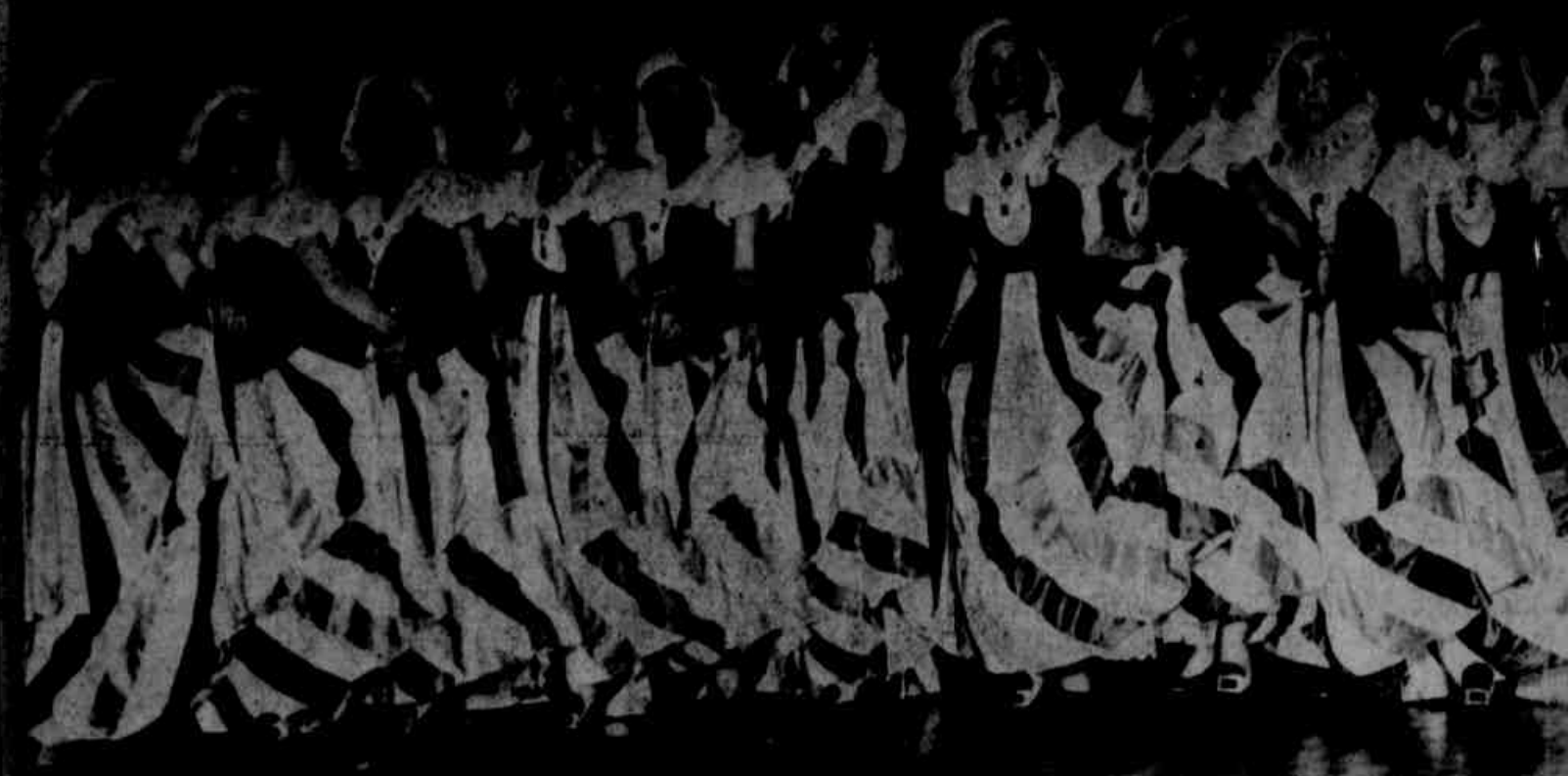
Senhoritas Beatriz de Baptista e Joanninha Nosé, 1º e 2º premios do baile do City Bank Club, de São Paulo.

Baile
no
Club
Botafogo

CARNAVAL

Baile
no
Praia
-Club

CARNAVAL

No Club Germanico, durante o baile de sabbado passado.

Na batalha da rua General Roca

Em baixo, á esquerda: no baile do Club de Regatas Botafogo.

A direita, em baixo: numa batalha do bairro da Tijuca.

No baile do City Bank Club

Em cima: na nova séde do Club Excursionista Brasileiro (ultimo andar do edificio Odeon). Em seguida:

homenagem dos trabalhadores do livro e do jornal ao Ministro Lindolpho Collor, na União dos Empregados

no Commercio. — Na séde do Centro dos Estudantes Israelitas, Em baixo: reunião presidida pelo Dr. Baptista Luzardo, para estudar a reforma da nossa policia.

BAILE DOS ARTISTAS

Foi animado e bonito. A sala do Theatro Phenix, decorada por Gilberto Trompowsky, Celso Kelly, Armando Navarro, Francisconi, Monteiro Filho e Luiz Alves, estava cheia. Vimos lá os senhores e senhoras João Neves da Fontoura, Abelardo Roças, Santos Lobo, Carlos Guinle, Theodor Xanthaky, André B. Paes Leme, Octavio Reis, conde de Bernsjorff, José Marianno (filho), Mario Magalhães, Carlos Benitez Herbert Moses, Guevara, Nestor Figueiredo, Octavio Kelly, Rodolpho Josetti, Gilberto Amado, Alberto B. Paes Leme, Bento Ribeiro Dantas, Armando Serzedello Corrêa, Prado Kelly, João d'Azevedo Borges, Olegario Marianno, e os senhores Felippe d'Oliveira, Lucio Costa, Henrique Pongetti, Sergio da Rocha Miranda.

DE MAXIMO GORKI

Oh! a tristeza immensa dos homens que, armados de uma crença nova, de desejos novos, partem sózinhos para adiante, perdem-se na vida e encontram no seu caminho companheiros que lhes são estranhos e não podem comprehendel-os...

TRES DIAS FELIZES

A cidade hoje não se deita. Ha de esperar acordada, o primeiro dia do Carnaval. E acordada ficará até quarta-feira de manhã. Cinzas. Os tres dias passarão depressa. Tres dias sem outra idéa. Os lança-perfumes vão encher o ar de irrealidade. As serpentinas vão pôr nas fachadas das casas, nas arvores da rua, nos carros, nas creaturas, no chão, todos os arco-iris de todos os céos. A musica do Carnaval vae envolver o corpo e a alma do Rio de Janeiro. Tres dias perdidos. Tres dias felizes.

DESTINOS

E' um pequeno livro de contos de Sebastião Fernandes. Livro de estréa, traz, emtanto a declaração da época em que foi escripto, o autor tem varios trabalhos de maior folego, mas não quiz começar por onde se acaba. Os contos aqui reunidos são vivos, movimentados, — exterior e interiormente. "Não procuro a novidade. Seria envelhecer depressa", diz o Sr. Sebastião Fernandes, no prefacio. Assim, as paginas de DESTINOS são observações, estudos, attitudes e gestos de personagens vivas, em que a gente tropeça a cada passo, por ahi. Estão no livro, porém, bem marcadas, quasi palpitantes. E o livro, por isso, é magnifico. — **Luis Paula Freitas.**

HIG-LIFE CLUB

O elegante, luxuoso e confortavel palacete da rua Santo Amaro, logradouro carnavalesco da predilecção do "set" social carioca, tal como de tradicção, abrirá os seus amplos salões e franqueará os seus encantadores jardins no sabbado, domingo, segunda e terça-feira proximos, realizando os seus magnificos bailes de mascaras. O club mais confortavel da America do Sul, ponto de predilecção do bom tom carnavalesco, em nada deixará desmerecer no presente anno, o brilho e o esplendor de suas festas tradiccionaes e elegantes. Dessa fórma, a 14, 15, 16 e 17, com uma ornamentação brilhante, illuminação linda e féerica de salões e jardins, duas magnificas "jazz-Bands" completas e aquelle esmerado e attencioso serviço de restaurante, ali terão logar os grandes bailes á fantasia de que a nossa elite não prescinde nos dias consagrados a Momo.

Senhorita Nenê Baroukel. Foi a vencedora do concurso renhidissimo do "Diario Carioca" para a escolha d'"a melhor declamadora brasileira". O sympathico jornal de J. E. de Macedo Soares vae offerecer a Nenê Boroukel o baile da victoria, em fins deste mez, no Automovel Club. Em baixo: engenheiros da turma de 1930, depois da missa que mandaram rezar em acção de graças pela conclusão do curso.

ACADEMIA

Já se inscreveram como candidatos á vaga de Graça Aranha na Academia os Senhores Menotti Del Picchia, Homero Pires e Liberato Bittencourt.

CARNAVAL NA RUA

O passeio do Bloco da Bola Verde, do Club Boqueirão do Passeio, domingo de manhã. Os Turunas da Tijuca tambem compareceram

Uns... olhos... outros olhos...

Yvonne Vallée e Maurice Chevalier são amigos de „Para Todos..."

Pela vida, hombreados com a humanidade que passa, contemplamos certos olhos... e outros olhos...

São olhos de todos os matizes; que irradiam scitillações fulgurantes...

E muitos, de brilho opaco.

Alguns grandes. Outros pequenos.

Olhos avelludados. E olhos aridos de carinhos.

Olhos soffregos, que se entristecem, aureolados de tenue mancha roxa, pelas intemperies da vida.

Ha tambem os olhos transbordantes de felicidade... cheios de vivacidade perenne. E, os ingenuos, onde o estygma da desillusão não calcou suas tenazes destruidoras de esperanças.

Olhos de mulheres bonitas e mulheres feias. Homens austeros e arrogantes e homens simples e despretenciosos. Creanças innocentes e creanças infelizes. Velhas resignadas com o peso dos annos, e velhas rabujentas, dessecadas pelo hysterismo prematuro.

Essa alavanche de massa humana que se agita pelo mundo, que vibra e pensa, parte, com enthusiasmo e a outra parte, carcomida pelas desditas de cousas pas adas, toda ella traz impregnada nos olhos aquillo que sente no coração, e o que pensa o cerebro attribulado.

Reflectindo pelos olhos o amor, a paixão, a ambição, o desejo, o odio, a vingança, e todos os peccados que se desencadeiam, intermittentes e subtis, e que compõem a alma humana.

Vivendo. Rindo. Soffrendo...

Mas, ha certos olhos, dos quaes não encontramos difinição.

Não podemos, porque elles trazem attitudes malbaratadas e incomprehensiveis. Gestos contrafeitos de cousas e sentimentos ignorados.

Elles são impregnados, pela aleivosia, de um estado nostalgico, que depauperam... outros olhos... embrutecendo os sentidos exaltados...

Olhos morbidos... Dolentes... Olhos de alma embriagada por prazeres sensuaes.

Imaginarios.

Desconhecidos.

Antegozados pela imaginação doentia, de um espirito frouxo de vontade propria.

Sensualismo preponderante e irreverente, impotente de reacção. Submergido no pantano de uma noite escura, triste e mysteriosa.

Variantes mysticas, com preponderancia inconstante e indecifravel.

Feios? Bonitos? Alegres? Tristes?

Toda incoherencia das definições sensatas.

Toda força causticante de uma natureza impetuosa. Eivada de vicios desoladores, e crimes não perpetrados.

Argila moldada pela mão grosseira do homem, combalida por sensações anormaes que avassallam o coração sedento por uma mingua de amor.

O anoitecer de um dia que se finda em agonia. O amanhecer de um dia que principia como os demais. Desabrochado na incerteza de um sol toldado de nuvens que pronunciam a chuva.

Inconstancia irreverente de uma alma malevola que o espinho da indifferença abriga com o sorriso da hypocrisia.

Olhos que choram em cadencia, morbidez dolente de ambições inatingiveis... E sorriem, o sorriso embusteiro das alegrias fingidas e atormentadoras.

Comportando toda torrente insondavel de sensações novas e vibrateis, e depois, amargas, com o vendavel do destino fustigando-lhe a alma corrompida.

Arrastada no turbilhão dos seres animados, que a torna em frangalhos, impossivel de reanimação...

Farrapos de emoções.

Vicios de mocidade.

Olhos que se vendem.

Olhos já sem vida, que langorosamente volteiam em sua orbita, de um branco já esmaecido.

A' procura de conforto, nas paragens celestiaes.

Famintos da communhão espiritual... saciados da promiscuidade material.

Ambiciosos da esperança fagueira, de um dia que jámais chegará.

Uns olhos... outros olhos...

Quando paralysados, cortados os fios que lhe davam scintillações encandecidas, animando-os na ondulação passageira da existencia, resta, depois de encobertos pelas palpebras fustigadas de insomnia, a apotheose triste de uma expressão idiota e imbecil.

L. S. MARINHO

HOLLYWOOD

A TRAMA

A noite escura e o secretario da puridade do conde d'Arcos não havia chegado.

D. Marcos de Noronha e Brito, na sua farda azul, elegante e magestoso, com o porte senhoril que inda guardava do tempo do seu vice-reinado, de um lado para outro, impaciente e nervoso, passeava no espaçoso aposento do seu palacete do Areal.

S. Exa., conde d'Arcos e marechal de campo, ou capitão general, não costumava esperar; dava ordens e em pouco as via cumpridas. Sentia-se, por isso, agitado dentro de sua camara particular onde, onde, desde quatro horas da tarde, aguardava Miguel Praxedes, homem de sua privança, auxiliar dedicado, leal e discreto, incapaz de traição e innocuo de intrigas.

Febril, impaciente, começou a imaginar os motivos que retardavam Miguel Praxedes; rodopiavam-lhe no cerebro os mais oppostos pensamentos até que uns laivos de suspeita principiaram por perturbar-lhe a tranquillidade.

Havia incumbido o seu auxiliar, confidente e amigo, de uma missão espinhosa e grave; a politica do principe regente atrapalhava os negocios da colonia e a convocação de eleitores que deviam approvar a retirada de D. João VI consistia na mais perigosa cartada á situação da corôa. D. Marcos, fora da administração publica, enredava a trama contra os planos de Thomaz Antonio, o ministro arguto, e, se lhe descobrissem as machinações, funesto seria o seu futuro.

Miguel Praxedes conhecia-lhe todos os projectos; bandeando-se ou capturado, trahindo o segredo ou posto a pole para confessar a conjura, transformaria, em réo de lesa-magestade, o discricionario governador, que outr'ora punira, e fizera executar, com o padre Roma, os revoltosos de 1817.

E o conde d'Arcos, cada vez mais inquieto, mais preoccupado, consultava o relogio, tocava em documentos sem lel-os, ia á estante buscar os folios não conseguindo manuseal-os, desassocegado, inhabil a tentar qualquer distracção apaziguadora de seu espirito fluctuante de duvidas e receios.

Subito, ouviu o rumor de vozes estranhas na larga calçada da entrada do seu palacio; correu á gaveta da sua secretária, apanhou do fundo um par de pistolas, aperrou-as: — chegou á janella, levantou o caixilho de vidraria branca em miudos quadriangulos e bradou do alto:

— Quem está ahi?

Uma nevoa espessa descia por todo o campo de Sant'Anna; apenas a chamma oscillante de uma candeia de azeite mal reflectia, sobre o pavimento arenoso, circulos amarellados. A torre esguia da capella de São Gonçalo avultava a distancia, na escuridão, como uma pyramide negra; o chafariz das lavadeiras sumia-se na penumbra deitando um fio dagua pelo solo enlameado. Eram recamos de todo aquelle velario preto os lampejos mortiços da escassa illuminação que prestava a orientar o raro transeunte que, nalguma mula chouta ou dentro de tipoia fortemente atrelada, precisasse cruzar aquelle ermo, depois de sol-posto.

Ninguem respondeu á interrogativa do fidalgo.

Estirara no ar o éco do batido de pesada cadeirinha sobre o lagedo e as palavras do fidalgo ficaram abafadas pelo rijo choque repercutindo com vibração na calada da noite.

O conde, porém, estremeceu; não divulgara o que se desenrolava ali: — ardendo em colera, proferiu uma ameaça empunhando a arma com a mão vigorosa e firme:

— "Canalhas! Não querem falar" — E deu um impulso ao gatilho, alvejando o charco fronteiro. Immediatamente, seguiu-se um gemido vago de quem se vê difficultado no andar ou traz os membros paralysados por dôr cruciante e prolongada.

— "Feri alguem": — rosmeou comsigo D. Marcos. E gritou intimativamente:

— "Inda ha outro, se continuam mudos!"

— "Olá, — retrucou uma voz de timbre rustico, mas desembaraçadamente. — Foi para nós o tiro? Queres-nos dar cabo dos canastros, maldito! Melhor fôra que cá viesses nos ajudar a levar lá acima o escrivão do Sr. Conde; o pobre do homem sem poder andar com a caimbra que lhe deu e tu prompto a liquidal-o. Bandido!"

— Espera! — replicou D. Marcos. E, atravessando veloz a sala em cujas paredes sombreava o seu vulto, chamou o criado e, pressuroso, desceu á porta em soccorro de Miguel Praxedes, a quem, naturalmente, succedera estranho accidente.

\+ + +

O conde d'Arcos approximou-se de seu servidor, illuminando-lhe o rosto com o brandão que o famulo trazia, de braço erguido.

— Que te aconteceu? — indagou, interessado, o antigo governador do Rio de Janeiro. Miguel Praxedes, com a physionomia contrafeita, quasi sem poder articular a perna, segurando o joelho, explicou:

— "O rheumatico, Sr. Conde. Tres horas na mesma posição; quando me levantei estalou-me o tendão e, logo, isto que V. Exa. está a ver".

— "Mas não te sobreveiu nada de maior?" — inquiriu curioso, frisando bem as palavras.

— "Oh! nada!" — esclareceu o secretario, arregalando os olhos, esquecendo a gotta e querendo dar provas de coragem e astucia. "Ao contrario, tudo me correu muito bem, ás mil maravilhas. Só tive esse contratempo que obrigou a arrastar-me até ao segeiro, numa viella de S. Christovão, e alugar-lhe esta cadeirinha. Vim aos boléos por maus caminhos e a dor cada vez mais incommodativa. Depois, aqui, inda esta recepção, o disparo que parecia sahir do lado do mangue.

— O raio do tiro podia-nos matar; interrompeu um dos homens que carregavam a liteira, exprimindo o seu sotaque minhoto.

— Por que não falaram quando gritei lá de cima?

— Não o ouvimos, Sr. Conde, explicou o robusto mulato em quem Miguel Praxedes se apoiava já retirado do palanquim.

— Bem; d'outra vez, mais attenção. E tomem lá para a canninha — accrescentou o fidalgo sacando da bolsa uma moeda de prata com que entendeu gratificar aquelles individuos que haviam sopesado aos hombros o mais necessario e fiel dos secretarios.

Miguel Praxedes, escoada uma hora, apparecia na sala, manquejando, arrimado a uma grossa bengala, o busto arqueado para a frente, pisando cautelosamente e, entrelaçando entre os dedos da mão esquerda, dobrada e salpicada de lacre, uma folha de papel almaço.

— Estás melhor? — perguntou-lhe D. Marcos de Noronha, vendo-o apontar ao humbral da porta.

— Graças á fricção do Antonio Boticario.

— Estimo-o bem! Por minha causa, meu amigo, padeces desde a tarde.

— Não cogite da minha pessoa, Senhor Conde. Ha coisas mais urgentes que reclamam seus cuidados.

— Mais urgentes?

— Sim. Pude verificar, na tarefa que V. S. me commetteu, os acontecimentos que se desenrolam na côrte.

— O senhor D. João não regressa a Portugal! — acudiu sobresaltado D. Miguel de Noronha.

— O senhor D. João VI quer voltar ao Reino!

— A senhora D. Carlota, que sempre o contraría, naturalmente se nega a acompanhal-o.

— Não, Sr. Conde. A rainha só manifesta desejos de se ver no Ramalhão, "em meio de gente", como ella se expressa. Está farta

Por THEODORO MAGALHÃES

DO VALIDO

do Brasil. O marido arreceia do seu throno; affrontará as iras que causaram a seus subditos a fugida á invasão das tropas napoleonicas e anseia embarcar para Lisboa.

— Então, que estorvos entorpecem sua magestade?

— Um homem retem el-rei.

— Thomaz Antonio, na verdade; repetiu o

— Thomaz Antonio, na verdade; repetio o secretario estirando cerimoniosamente no canapé de palha o corpo amarrotado da jornada daquelle dia.

— "Falas com segurança!" avançou o fidalgo que accendeu ao candieiro de prata o grosso cigarro que acabara de enrolar.

— Saiba V. S., meu senhor, que por muito tempo, na sala de despachos, o Sr. D. João VI e Thomaz Antonio se demoraram em longa e secreta conferencia. Por traz do reposteiro, agachado, immovel, suando copiosamente, ouvi tudo quanto confabularam. Emquanto de cabeça pendida, a face deitada na mão espalmada e o cotovello apoiado no extremo da secretária, sua magestade murmurava uma ou outra phrase de hesitação e timidez, Thomaz Antonio, resoluto, convincente, oppunha ás ponderações do monarcha a sua logica indestructivel e o seu raciocinio insophismavel. D. João empallidecia, revelava a custo a sua opinião contraria e ficava subjugado; por fim, como argumento supremo a todas as razões do seu ministro, objectou quasi á surdina: — E a rainha? — Nisto, Thomaz Antonio inclinou-se diante de el-rei, levou-o até á janella e estendeu o braço apontando para fóra o indicador:

— Vede! Senhor! Sua Magestade, vossa esposa, passeia no parque com o commandante da guarda; é dos seus habitos voltear pela alameda, quotidianamente, a estas horas. Vive bem aqui; compraz-lhe a belleza da matta, agradam-lhe os encantos naturaes desta terra seductora. —

D. João vincou na fronte uma ruga de magua e respondeu:

— "Digo-lhe á puridade, Thomaz Antonio; por isso mesmo convem deixarmos o Brasil. De tudo, por cá, se busca motivo á maledicencia. E a rainha, confesso, é, muitas vezes, excessivamente leviana.

— "O regente concede destas confidencias a Thomaz Antonio!" rosnou o conde d'Arcos, dando um murro no extremo da mesa.

— E' que D. João o ouve com extrema sympathia; asseverou Miguel Praxedes. Prometteu-lhe que, amanhã, decidirá da permanencia definitiva da côrte no Brasil.

— Já, amanhã?

— Amanhã — depois da reunião que o Ouvidor-geral fixou para o Rocio.

D. Marcos de Noronha e Brito curvou-se sobre a credencia de marmore e examinou o pendulo de bronze doirado que ali poisava entre dois jarrões da China.

— "Nove horas" — disse. — E D. Pedro não chegou ainda.

— Só estará aqui ás dez. Mandou-me communicar-lhe que, antes de ser attencioso com V. S., precisa se mostrar gentil a certa dama... do paço. Vae cear esta noite com a mulher do archeiro de D. João VI.

— Pelintrote!

— O Sr. Conde espera-o de certo!

— Que duvida!

— Então, leia-lhe esta carta.

D. Marcos, ávido de esplicações e noticias, tomou o papel que Miguel Praxedes lhe apresentava. Logo exclamou: — "Letras de Manoel Fernandes Thomaz!" "Confidencias de servidores ou indiscrições de politicos!"

E de um sorvo correu os olhos por aquelle escripto, indagando depois:

— Onde conseguiste isto?

— Apanhei-o, esquecido entre as malhas de renda da almofada real.

— Na verdade, é uma epistola expressiva. Os negocios de Portugal turvaram-se e D. João deveria ficar apprehensivo. Comprehendo, agora, os enredos de Thomaz Antonio e as tenções do monarcha; um, intelligente, acautela aqui o poder que vê abalançado na metropole e o outro, obtuso soberano, suppõe amparar o absolutismo, fazendo-se rumo de Lisboa a tomar conta do throno embrechado. Portanto, mais que nunca, é mister agir. Thomaz Antonio não repetirá mais que "D. Marcos de Noronha só sabe impugnar".

E soltou uma risada, secca, ironica, penetrante.

+ + +

O conde d'Arcos, informado dos intuitos do rei, sentou-se á secretária e compulsou varios papeis. Miguel Praxedes repoltreara-se no canapé e, fatigado, cochilava. A sala inundara-se de enorme silencio; escutava-se, unicamente o crepitar dos pavios das velas das serpentinas.

D. Marcos Noronha amontoou alguns manuscriptos, amarrou-os e chamou:

— Miguel, ó Miguel.

O secretario não despertou. O conde falou mais alto e não foi attendido; approximou-se do seu auxiliar e notou que dormia um somno pesado. Ia a sacudil-o, acordal-o quando, repentinamente, entrou acobertado na capa de panno escuro, chapéo braguense entestado no sobr'olho, um rapazola desenvolto. O conde fixou-o, não o reconheceu de prompto; mas o mancebo, puxou-o, meio brutal, sem o menor respeito ao graduado militar, murmurando:

— "Deixa este animal roncar. Vamos a saber do que convem".

O conde, simulando paternal affecto, saudou prazenteiro o joven:

— "Até que emfim!"

D. Pedro, sanguineo, os olhos brilhantes, a roupa empoeirada, bamboleando-se sobre os tacões da bota, acabava de chegar. Vinha á entrevista a que o fidalgo o convidara por intermedio do dedicado Praxedes. Trazia, bem nitidos, na face, os excessos que elle, esturdio e devasso prodigalisara, após uma tarde de amor, no desvão da ucharia de seu pae.

O principe, pouco apto se mostrava a cuidar de assumptos politicos; entendeu-o, logo, o atilado militar mas sendo, entretanto, impossivel adiar o encontro, atreveu-se a falar-lhe.

— Meu caro D. Pedro; no reino occorrem importantes acontecimentos e na colonia o Sr. D. João cogita de assentar a coroa. Cumpre V. A. precaver-se, attender a seus interesses e apropriar-se do governo.

— Não comprehendo seus conselhos.

— Cartas de Manuel Fernandes annunciaram gravissimas complicações e el-rei alvitrou-se embarcar para Portugal. Existe, comtudo, uma pessoa influente que entrava a partida.

— A rainha?

— Thomaz Antonio!

— Thomaz Antonio — affirma-o com plena convicção! — retrucou o principe exaltado.

— "Dispõe-se a reter o senhor seu pae, principe, com o golpe que, amanhã, tentará no momento da assembléa dos eleitores. Já V. S. não ficará regendo a colonia; o Sr. D. João é que levantará no Brasil o seu novo imperio".

— "Então vamos cortar o vôo ao condor" — chasqueou D. Pedro.

— Por essa razão pedi-lhe que cá viesse. Estamos sós. Promette-me sob a palavra de honra não divulgar a nossa conversação?

— Sem duvida! Guardarei todo o sigillo, mesmo se revelal-o for a salvação da dynastia.

— Então seria capaz de entrar numa conjura que lhe alcançasse o governo do Brasil?

— Como não! — respondeu o principe num vislumbre de alegria.

— Está bem! Conte com o conde de Louzã, o ouvidor de fóra, os commandantes dos fortes e dos batalhões de linha e mais alguns fieis partidarios. Tudo será bem succedido.

— Aguardo as suas instrucções, meu caro conde.

(Termina no fim do numero)

DESENHO DE DI CAVALCANTI

CARNAVAL RECIFENSE

(a Manuel Bandeira e Willy Lewin)

A cidade acórda novinha.
Tão brasileira!
Tão páu-brasil!
Veste-se de india.
Fantasia-se de tanga.
Tem geitos africanos de raça verde e amarella.

Carnaval...

Barulho. Dynamismo. Tapeação.
Cocktails gostosos de sangues.
Misturas supimpas de raças.
Gente amarella,
preta, mulata.
— Lá vae o gringo da prestação
maxixando com o china do Caminho Novo...

Roçar frenetico de corpos.
Cantigas tristissimas com palavras canalhas.
Gostosura.
Um inspector de vehiculos apita.
O signal luminoso do caes da Aurora pisca vermelho.
Confusão.
Corso parado. Corações em movimento.
A massa anonyma, enorme, louca,
cambaleia num rythmo mollengo,
tocando batuques,
vibrando pandeiros.

Abaixo os preconceitos sociaes!
Communismo official por tres dias.
O estudante distincto
saracoteia com a negra de seios de ponta,
que cheiram á baunilha,
que parecem peras da California.
Freud.

Restabelece-se o transito.
Buzinas. Escapes. Gritaria.
Desejos de não partir. Aborrecimentos de estar parado.
A menina do Ford modelo 1928,
tão rua Imperial,
tão cheia de dengues,
põe differente lança-perfume no lenço do namorado,
como quem desse uma esmola de prazer.

(O namorado sente a terra
misturar-se com o céo...)

Esguichos metallicos. Alcool. Fuzarca.
Rodo. Vlan. Pierrot.
— Viva Noé
que inventou o porre!...

O poeta moderno trajado de russo
come manuê, tapióca, pé-de-moleque,
com caldo de canna no bar da esquina

As luzes se accendem. Ninguem se enxerga.
O Capibaribe parece uma serpentina gigante,
enrolando-se no busto da cidade pontes
que lembram corcundas.

Ranchos, cordões, blocos alegres,
cantando,
sambando,
irrompem lascivos os grupos de sensibilidades em fogo.

Vassourinhas.
Toureiros.
Pás.
Pão duro.
Batutas.

A turma se aperta.
Ancas. Pixaim. Circo.
O medico de grande renome
vem fazendo o "passo"
com a namorada que improvisou.
Klaxons. Côres. Trapalhada.
Cheiro daquillo que não se pode dizer...

— Ô morena de outro mundo! Typo da Greta Garbo...
— Diz isso cantando...

Tão brasileiro!
Tão páu-brasil!

O chronista mundano,
que fala tanto de "foxes" estylisados,
lá vem serpenteando na frente do Maracatú.
Nada de termos inglezes
nem importações parisienses.
Candoblé. Feitiçaria. Macumba.

Bum, bum, bub,
bum, bum, bum-bum...

Bahianas com voltas da Sloper...
Apaches com costelletas que o suor prolonga...
Marias Antoniettas de braço com Tom-Mixes...
Carlitos que ponhem confetti em damas
da Edade-Média...
Neros raquiticos que se deixam reprehender
por guardas-civis...

Lá-longe,
o ganzá e a batuca do jazz-band
são uma noticia sonora de aristocracia.

Apa.
Jockey-Club.
Internacional.

(Sómente o cégo que pede esmolas
naquella pracinha distante
é uma nota triste nestes tres dias.
Talvez seja a unica pessoa
que se lembra que Deus existe...)

CARLOS J. DUARTE

De São Paulo

Reunião na séde do Club Paulistano

No Baile do Tennis Club

No baile dos pharmaceuticos e dentistas da turma de 1930

Os novos diplomados com o seu paranympho.

Empresarios

Espera-se que o Theatro melhore, sob a Nova Republica. Não acredito. O mal do **nosso theatro** não está na falta nem no excesso de leis. Não está tambem na qualidade das leis existentes. Essa mesma insipiente legislação theatral que possuimos seria bastante para manter e equilibrar um victorioso systema scenico. Ligeiros retoques e pequenas innovações em algumas leis e certos regulamentos, e o "Theatro Nacional" ficaria apparelhado, nesse ponto, para vencer, se os males não fossem outros.

Auxilios officiaes, organizações theatraes sob **controle** directo do governo, serão novas **escolas-dramaticas-municipaes** mais custosas e mais inuteis.

A doença chronica, a molestia principal que afflige esse coitadinho nascido de sete-mezes que se convencionou chamar — Theatro Nacional — é a falta de empresarios, de empresarios de verdade, no bom e justo sentido. Já se disse isto muitas vezes. Mas a verdade é gostosa de repetir.

Não basta, certamente, a alguem possuir capital ou possuir audacia para tornar-se empresario. Os constantes fracassos financeiros e artisticos de centenas de iniciativas demonstram a verdade do enunciado.

Por que Procopio está vencendo ha tanto tempo? Por que Domingos Segreto não se arrisca em aventuras perigosas, e prefere andar de vagar a escorregar na carreira?

Procopio terá, como se diz, nariz de mais. O facto é que elle enxergando muitos palmos adeante daquelle nariz, acaba enxergando muito ou, pelo menos, enxergando o sufficiente.

Ao Domingos Segreto a consciencia das responsabilidades tornou prudente. Elle sabe das collisões que o excesso de velocidade quasi sempre produz. E receia, em algum desastre, fracturar a base do craneo que a visão de Paschoal Segreto plantou sobre aquelles hombros da Praça Tiradentes.

Ha ainda a notar que o empresario não póde ser nem inteiramente um idealista, nem inteiramente um commerciante. Precisa ser metade de cada um, unidas essas metades com **colla-tudo-intelligencia.** Mas os rebordos dessa juncção precisam ficar bem disfarçados, bem polidos, com **verniz-alphabeto.**

Não seria, então, o caso de se pedir, antes de tudo, em vez de auxilio official para o Theatro, uma Escola de Empresarios?... Quem sabe se não daria resultado? A época é de renovamento e de experiencias. E o ovo de Colombo não seria de Colombo se não fosse... a tolice que é.

PRATAGY

Berta Singerman com os seus artistas que estréam no Lyrico ainda este mez: em uma peça de Azorin, na "Voz humana", de Jean Cocteau, e em "Musica de folhas mortas", de Rosso de San Secondo.

THEATRO

ALDA GARRIDO QUE ANDA EM NICTHEROY

EM CIMA, A' ESQUERDA: REGINA MAURA, DC TRIANON

SYLVIA BERTINE QUE ESTA' EM FÉRIAS

ARACY CÔRTES, DO THEATRO RECREIO

Ismenia dos Santos, do Theatro S. José

NOS calculos de vespora estava a estréa do vestido de crepe verde, muito de accordo com um dia de sol. De vez em quando ameaçava cho ver. Mas o vestido verde era tentador, como por ahi devia andar muita gente a fazer promessa a Santo Antonio, e muita mandinga de farinha secca no te lhado para que a chuva — aliás necessaria pelo excesso de calor — ficasse adiada por algumas horas. Mas o que tem de ser... tem de ser mesmo. O meu amigo X costuma affirmar que as cousas já estão organizadas, não ha força que as desvie do seu curso natural. Eu não recommendaria o meu excellente amigo ás pessoas que pensam de maneira diversa se soubesse que elle as desagradaria. Muito pelo contrario. Elle sabe expor theorias para todos os paladares, e dá a graça da "blague" aos assumptos que reputamos absolutamente carrancudos.

— Ora, dirão as leitoras, que temos nós com as theorias de X, se o que nos interessa nesta pagina é o assumpto trapo? Tambem elle discorre sobre isso. Mas quem está com a palavra sou eu. Deixemos, pois, X com a nova mania de leccionar matematica e a leitura de Sherlock Holmes para afastar insomnia.

Choveu. Chovia. Foi se a idéa de vestir verde, de pôr uma "capeline" de "bakou" rendado, de sentir calor num vestido novo feito para amainar os rigores da temperatura. Não ha remedio senão trocar de roupa. E é de preto que me visto para visitar Lucia, a minha amiga de cabellos castanhos e largos olhos pardos que me convidou gentilmente para espiar algumas das peças do seu enxoval de noiva. De preto a gente está sempre bem, apesar de, algumas vezes, a physicnomia abatida perder ainda mais. Paciencia Visto o "tailleur" de fina lã preta, saia "cloche" e jaqueta de abas "cloche" sem forro, bem ajustada á cintura, gola de "astrakan" preto, "berét" muito justo á cabeça, sapatos pretos, meias "marron glacé" e o mesmo tom na bolsa de couro e nas luvas de pellica. A' esquina tomo o omnibus, e não esqueço de pôr na caixa de estanho, á sahida, os quatrocentos reis da passagem.

A casa de Lucia é uma encantadora "boite" rodeada de varandas e innumeras plantas. Em movimentada rua, mas de tal geito collocada que se tem a impressão de agradavel isolamento. No espaçoso "hall", entre os divans, poltronas, plantas e objectos de arte, as malas abertas deixavam a mostra rendas e "chiffons", chapéos, bolsas, luvas, sapatos... Tres almofadas muito proprias para o frio atiçaram me a curiosidade:

— Por que as fez vir?

— Marquei o casamento para o inverno, e as guarnições da casa devem ser como os nossos vestidos — adequados á estação.

As almofadas eram, como aqui se vêem:—a primeira, de rectangulos de pelle de coelho branco e "beige"; a outra, de velludo de lã azul com pontos de tapeçaria; e a ultima, de babados de "taffatas" roxo viole ta e velludo azul electrico forrados de feltro-velludo.

Depois: "déshabillé" de velludo rosa forrado de "lemé" prata e guarnecido de leques de "taffetas" pospontado; um toque pequenino mas muito "chic", de velludo vermelho e

Só me falta contar que o chá estava delicioso, os bolos optimos, e a minha amiga Lucia francamente interessada em mandar preparar a sua roupa de cama e mesa com tecidos que não desbotem, e são exclusivamente os etiquetados pelas anilinas "Indanthren". As roupas de cama e mesa são, agora, sempre coloridas. E é razoavel que uma noiva pretenda levar muito tempo sem se preoccupar com as fronhas que o sol desbotou ou a toalha de mesa descorada por uns pingos d'agua.

"cordonnet"; um vestido de noite, de "georgette" verde Nil com um cacho de hortensias rôxo rosado no hombro e que aqui se nota desenhado de frente e de costas; outro vestido de noite, de *tulle* de seda branca bordado a flores de *tulle-jersey*, applicadas, e de varias tonalidades de vermelho.

Com o vestido de noiva, de setim branco, simples, e para a cabeça um véo de rendas verdadeiras, vieram tambem os das "demoiselles d'honneur": musselina branca enfeitada de babados de *tulle* franzido, e coifa prateada para os cabellos; *georgette* branco, blusa de preguinhas e saia com triangulos franzidos, nos quadris, "georgette" branco tambem franzido nos quadris, *pelerine* e *bolero*, e a coifa franzida; *georgette* branco, saia terminada em nesgas de "godet", e blusa enfeitada de entremeio franzido á volta do decote e das mangas, luvas compridas e coifa "coque de roche".

Dos chapéos: um "relevé" de palha "cellophane" preta e flôr de musselina rosa; *capeline* de raphia natural e velludo "mais"; bonnichon" de *tulle* de crina preto, flores de cambraia de linho rosa matizado; mais chapéos, uma serie de blusas de "georgette", de crepe, de setim macio, quasi todas guarnecidas de renda, mesmo as estampadas; um vestido...

— Vamos tomar chá.

— Ainda falta muito para vêr...

— Depois.

Depois, sim. Mas eu já havia prestado attenção ao que podia caber nesta pagina e de que conseguisse dar conta ás leitoras dentro do calculado espaço desta chronica.

O casal Dulphe Pinheiro Machado festejou o anniversario da pequena Marita com uma linda festa. O elemento feminino compareceu rigorosamente fantasiado á hollandeza. Foi noitada excellente de graça e de alegria.

Dos que estiveram na bella residencia da rua N. S. de Copacabana os Senhores: Luiz de Souza e Silva, Affonso de Queiroz Mattoso, Attila Soares, Plinio Olintho, von Dollinger da Graça, Fidelis Lemgruber, Octavio Carneiro, Francisco Moura Brandão, Americo Sydmey Pacca, Angelo Pinheiro Macgado Filho, Martinho Santos, Antonio de Castro Barbosa, Roberto Musso, Octavio Pacheco, Paschoal Villaboim e Leopoldo Meira.

Senhorinhas: Ilze Kock, Elza Pinheiro Machado, Ercila e Cecilia Moura Brandão, Zorah Plinio Olintho, Ema Pavão Martins, Affonso Costa, Vera e Dagmar Costa, Vera Lemgruber, Alzirda de Cunto, Yedda Couto, e muitas mais, além de varias outras figuras do alto mundo social carioca.

Meias "Sally" — na Casa Machado.

\+ + +

Moda e Bordado — o melhor figurino.

SORCIÈRE

A COSTUREIRINHA DE M^ME RIBEIRO PONTES

Especial para "PARA TODOS..."

O annuncio nos "a pedidos" do lido matutino era a salvação.

Foi assim que, ao lêl-o, comprehendeu Henriquetta.

Iam acabar-se dias de fome. Dias de pavor e de angustia.

A casinha pequenina que, da hora primeira á ultima do dia, vivia abalada pelos ralhos duma mãe rabugenta e descrente, ia começar a ter uns momentos de felicidade..

As paredes esburacadas seriam caiadas e os vestidos de chita remendados.

E Henriquetta sentia-se alegre na magreza de seus dezesete annos, sem attractivos, insipidos, esfomeados!

Conheceu madame: era uma franceza, de rosto remendado por drogas de toilette, já apergaminhada e que com uma desfaçatez parisiense, affirmava não ter ainda trinta e dois annos como não possuia tambem trinta e dois dentes...

Era uma megera de physico e moral, mas, Henriquetta, que nella via a bondosa senhora que lhe dera um emprego, seus defeitos eram virtudes e sua feiura, belleza!

Começou, então, para o estomago da costureirinha uma epoca de fartura: já almoçava e ceava e os sapatitos baratos já tinham sido remontados.

O trabalho não a cansava e, quando, á noite, recolhia á casa, levava no espirito uma satisfação de bem estar e, nos olhos de pestanas longas e brilhantes, uma curiosidade de conhecer mais o mundo.

No seu intimo revolucionava-se uma sensação que a cruciava e parecia impulsional-a para os rapazes que a olhavam na rua com desejos nos galanteios que lhe dirigiam.

E, aquella sensação, cada dia que passava, augmentava: as noites já eram mal dormidas e as manhãs mal humoradas.

Seu sêr todo se debatia nesta ansia, e Henriquetta, que nunca olhara para o seu corpo começou a sentir a necessidade de apertar mais o vestido nas curvas, fazendo-as sobresair e, encurtar o comprimento da saia, mostrando bem a perna apetitosa que um tornozello provocante sustentava.

Aborreceram-lhe os pratos pobres de casa e lambusava-se em comidas apimentadas, compradas na rua, que provocavam mais intensamente o desejo daquillo que lhe faltava...

Os homens começaram a consideral-a com mais attenção. Já a esperavam até.

Henriquetta sentia uma vaidade de tudo isso e lançou-se aos vesperaes cinematographicos a aprender os gestos das vampiros.

Muitas vezes sentiu no escuro da sala, caricias de mãos fortes dos companheiros do lado, mas, não se dando por achada, fechava levemente os olhos com a provocação que seus sentidos recebiam.

Ella, que sempre fôra tão só, procurou uma amiga e, no segredo de seu quarto pobre, despiu-se de preconceitos que não conhecia e contou entre lagrimas e deliquios seu estado morbido que exigia caricias, caricias constantes dum ente de peito largo e mãos ferreas. Tinha necessidade dum contacto subjugante que a humilhasse e lhe tirasse, na hypnose dum beijo langoroso, toda a seiva de sua mocidade estuante.

A amiga ouvia-a. Teve um sorriso de experimentada. Contrapiscou os olhos febricitados, e numa linguagem colorida de volupia, narrou-lhe as primicias dum namoro escandaloso.

Henriquetta acalmou-se mais. Sorriu com candidez velhaca e, requintando-se num beijo, agradeceu commovida aquella lição de vida.

*
* *

Hoje, quem conhecer Henriquetta não julgará de seu inicio de vida.

E' uma senhora, isto é, uma madame. Tem sua casa montada com luxo asiatico, perfumada com exoticas essencias do Oriente, que enervam sua numerosa clientella, até o momento de falar com o namorado nos reservados discretos do atelier.

E, interessante, tem a seu serviço costureirinhas que aprendem o officio e sabem viver. Porque madame ensina-lhes uma coisa e outra. Suas casinhas miseraveis estão caiadas e os vestidos de seda enfeitados. Vivem: alegres, despreoccupadas, felizes, do producto de seu trabalho e do trabalho de seu producto...

Graphologia

AVISO

Temos inutilizado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis. Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para resposta.

MARIINHA (Piracicaba) — Sua letra diz indecisão, medo, receio, como lealmente confessou ao escrever. E' tambem bondosa, amiga das grandezas e do luxo. Um pouco teimosa, cheia de pequenos caprichos. O traço com que firma sua assignatura indica personalidade bem marcada.

ANTÔ (Piracicaba) — Menos de duas linhas?... E' pouco material isso para um estudo graphologico. Entretanto, ligeiramente vê-se que é decidida, voluntariosa, energica, de espirito phantasista. Tem muita independencia de caracter, não gostando de dar satisfação dos seus actos a ninguem e jamais se arrependendo delles ou, pelo menos, dando demonstração disso quando se arrepende. O traço bizarro com que firma seu nome de familia diz assim: "Fiz está feito! Prompto! Que é que têm com isto?"

SINHÁ (Piracicaba) — Tres linhas tambem para um estudo graphologico... Que se poderá ver nellas? Temperamento algo semelhante ao da antecedente. Reserva, calculo, sem excluir bondade natural, graça, elegancia, vaidade...

LILA (S. Paulo) — Quando você ler estas linhas já estará no Rio, como disse que vinha.

Sabe que sua carta me commoveu, Lila? Fez recordar tanta cousa do tempo em que eu era um garotinho como você descreveu... Mande os trabalhos que tem vontade de escrever. Sendo historias de creanças peraltas o Tico Tico publicará. Agradeço a sympathia que me offerece e retribuo. Por que você anda tão triste, Lia?...

ROXANE (Minas) — Como viu, tenho boa memoria identificando Roxane e Joel como uma só creatura distincta... com dois pseudonymos tambem distinctos. Não creia nas cousas desagradaveis que disseram da sua letra. E' fina, delicada, sensivel, com bastante ambição, alegria de viver, ansiedade, coragem, esperança. E' tambem amiga das grandezas, do conforto. Um tanto variavel, inconstante... "La donna é mobile..." como diz o Rigolletto.

Escreva-me, Roxane, que terei prazer em attendel-a.

GAÚCHO (S. Paulo) — Letra rapida denotando actividade, intellegencia, pressa, energia constructora, senso administrativo, gosto de mandar e de ser obedecido. Franqueza, lealdade.

NINON DE LENCLOS (Rio) — Muito interessante sua cartinha acompanhando os trabalhos que enviou e foram entregues, com especial recommendação, ao respectivo redactor. Veja que digo "respectivo" e não "retrospectivo", como eu. Ao ler sua carta parecia ouvir os sons de uma pavana sahindo de uma caixinha de musica. Muito bons os trabalhos enviados. Continue.

ROSE MARIE (Alto de Therezopolis) — Obrigado pela gentileza das suas referencias á secção.

Sua letra denota nervosismo, timidez, generosidade, um pouco de orgulho recalcado, nobreza de sentimentos, elevação de idéas. E' cuidadosa, amiga das minucias, e um tanto reservada principalmente para as pessoas a quem não conhece bem ou que lhe são de condição social inferior. Reflecte muito antes de tomar uma resolução e ainda assim o faz sem firmeza, com receio de ter errado. Não é isto?

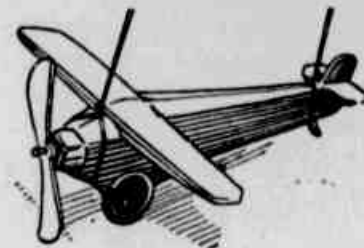
TRISTÃO DE ISOLDA

LAVOLHO

O Attrahente
Olhar de Uma Creança

Lave os seus olhos duas vezes por dia com o collyrio antiseptico LAVOLHO. É costume tratar da pelle, lavar os dentes, limpar as unhas, mas já alguma vez cuidou antisepticamente • • dos seus olhos? A poeira, olhos vermelhos, olhos doentes, olhos envelhecidos ou mortiços, tudo desapparece. Senhoras ou cavalheiros, lavai vossos olhos com LAVOLHO durante dois, tres, dias-e depois— examinae a belleza dos olhos.

ESTA' A' VENDA

O MAIS LINDO DOS BRINDES PARA A INFANCIA

Almanach d'O Tico-Tico para 1931

Pedidos á Gerencia do "Almanach d'O Tico-Tico" — Rua da Quitanda, 7 — Rio. Preço 5$000. Pelo Correio 6$000.

FANDORINE

contra as doenças das senhoras

Hemorragias
Metrites
Obesidade
Fibromas
Menopausa

80 % des senhoras nao vivem satisfeitas com a sua saude.

17
Grandes Premios

Etablissements CHATELAIN
2 bis, Rue de Valenciennes, PARIS
e todas as pharmacias

A FANDORINE restabelece a saude da Mulher
e da-lhe o prazer de bom viver.

Agentes exclusivos no Brasil ANTONIO J. FERREIRA & Cia. — Caixa Postal 624

A TRAMA DO VALIDO

(FIM)

D. Pedro estendeu a mão ao conde d'Arcos num geito de lealdade fidalga; embrulhou-se na capa, escondeu o rosto sob a aba larga do chapéo vareiro e despediu-se.

— Voltarei amanhã.

— Apparecerá amanhã no campo do Rocio!

— Tão depressa!

—E' preciso que Thomaz Antonio conheça que a casa de Bragança se representa em Portugal por um soberano, d. João; mas, no Brasil, possuirá um logar-tenente do reino, o principe d. Pedro.

Resoou uma risadinha atrevida e D. Pedro desappareceu.

O conde d'Arcos escolheu no escaninho da secretária duas aparas de ganso e afinou-as cuidadosamente com a ponta do punhal que desapertara da cinta; estendeu algumas folhas de papel e pôz-se a escrever ininterruptamente, os fios da pluma a oscilarem-lhe na mão.

Ao romper d'alva, quando branqueava ao nascente a primeira claridade da madrugada, o fidalgo pousou a penna no beiral do tinteiro de prata, esticou os braços, entorpecido de somno e fadiga, chamou por Miguel Praxedes que roncava, de costas, no mesmo sofá de palha. O secretario não se levantou.

A matinada dos gallos mucicava lá fóra em toada uniforme, emquanto a cumiada dos morros esparecia lentamente, sob uma nevoa acinzentada e calma. O buzino prolongado da corneta greste do tropeiro que conduzia a récua dos muares á feira, cortou o ar em timbre rouquenho; o galopar dos machos tornou-se mais apressado e se perdeu, pouco depois, em um éco abafadiço.

D. Marcos de Noronha ergueu-se, soprou as velas que estremunhavam lampejos nas cornucópias de castiçaes brunidos, acercou-se do seu ajudante e saculejou-o berrando-lhe pelo nome. Abalado com a violencia do estremeção, Praxedes, o escrivão privado, sentou-se assustado, esfregou as palpebras e murmurou defrontando o amo:

— Que ha, Sr. conde?

— E' já manhã. Preciso sahir. Entrego-te o meu paço confiado na tua inequivoca dedicação. Se não regressar á tarde cumpre as determinações que te deixo ao canto da minha mesa, debaixo do bloco de amethista.

E escoou-se por uma porta esconsa, no bico dos pés, sem fazer bulha para que os famulos não despertassem e descobrissem que o conde d'Arcos, muito cedo, contra seus habitos, andava fóra de casa.

Miguel Praxedes suspendeu a vidraça para respirar o ar fresco vindo da matta da encosta de Santa Thereza; a doirada vermelhidão do sol enrubescia o mainel da janella. Havia dormido oito horas a fio.

Mal era sol nado, D. Pedro, rodeado de quatro pagens, homens hercules e valentes, sahia, tambem, de S. Christovão, ás escondidas, precipitadamente. A cavalgadura em que montava resfolegada, chispando faulhas na alvenaria das ruas mal calçadas. Recebera desagradaveis noticias e, aborrecido, raivoso, partira para o Rocio da cidade onde, cedo, soubera, a tropa portugueza formaria fronteira ao edificio do collegio eleitoral.

O principe via apropinquar-lhe o instante de aventurar o seu destino; malavindo com seu pae, avisado pelo conde d'Arcos, julgava a occasião aprazada á rebellião contra o rei. E, assim, naquella manhã limpida e vivificadora em que a natureza despertava a uma luz alegre e aquecedora, sentiu a viração suave do arvoredo abrandar-lhe a face encandecida da vertigem da carreira. Ao cruzar o Aterrado estacou o animal; examinou as pistolas, estavam bem carregadas.

O pagem que mais proximo o acompanhava perguntou-lhe:

— V. A. se acautela d'algum assalto? Trago ao cano das botas uma arma segura.

— Não, rapaz; previno-me apenas. Preciso, porém, de ti para um serviço de confiança.

— V. A. tenciona mandar-me a recado á sobrinha do ferrador da Guarda-Velha? A empresa de hontem excedeu em ousadia; arrisquei-me, senhor.

— Imprudente! Não me lembres mulheres neste transe: o meu espirito engolfa-se em questões de relevancia

Separa-te de mim, vae ao palacio do conde d'Arcos e dize-lhe que o espero no Rocio.

O famulo não perdeu tempo; esporeou a mula que o envolveu numa nuvem de pó e sumiu-se por um renque de bambús que ramalhavam, distante, escondendo os telheiros sombrios de casinhas baixas e isoladas.

D. Pedro vendo afastar-se o seu mensageiro, desenfreadamente, a toda a brida, norteou-se ao rumo da cidade.

———

Encavallando no seu nariz adunco os oculos de tartaruga, o Governador das Armas 'eu um laconico communicado que lhe enviara, áquella hora da manhã, o intendente da policia. Vestiu-se depressa, atou á cintura o correame da sua espada e entrou na tipoia que o aguardava á porta. A carruagem abalou. O official afundado nas almofadas, reflectia; aquella chamada indicava algum acontecimento extraordinario. Reclamavam a sua presença á frente da tropa que, desde a vespera, guardava o collegio eleitoral: — urgia elle proprio chefiar os seus soldados porque os receiava insubmissos.

Sentia-o bem, percebia-o bem; o culpado de qualquer indisciplina dos batalhões seria elle, militar fraco, sem energia bastante afrouxado com os seus commandados. Asseverava na tarde anterior que as intenções das companhias de linha repousavam no completo respeito ao exercicio do voto. De certo, essas affirmativas tomaram-n'as os militares á conta de covardia ou medo e, decorridas mais de vinte e quatro horas, estavam a rumorejar a tentativa de arruaças perturbadoras de uma reunião que decidiria da permanencia de D. João no Brasil.

E, com o animo transido de pesar, fluctuando de remorso, pensava elle remediar sua perniciosa complascencia, ou prendendo os rebeldes ou desembainhando a espada e jogando a vida na causa do regente. Quando attingiu á Lampadosa, o governador viu as forças em evoluções; uma placidez relativa apparentava o povo que se apinhava na praça. Parou, oscilando em tomar resoluções que aventava no seu intimo tumultuado de apprehensões.

De repente, estrugiu no espaço o estrepitar de aterradora descarga, e, incontinenti, numa ennovelada de corpos, tresmalhada, a multidão enxameava-se de roldão avançando de escopetas, troncos d'arvores, pedaços de garrafas roliços páos, para o edificio onde os votantes deliberavam. O governador corre brandindo ao ar a espada luzida; cambaleia mas equilibra-se: — tropeçara na cabeça de um cadaver que jazia de bruços conservando o indice no gatilho de um antigo mosquete. Abaixou-se, apanhou a arma. Caminhou encorajado; ia cumprir o seu dever resgatando o mal de ter protestado a fidelidade de seus soldados. E, digno, possesso de um delirio febril, a alma atordoada de uma especie de cruciante remorso, serpeou por entre o povo, que rugia como tigre indomavel, visando soffrear os impetos da malta amotinada que procurava invadir a casa dos eleitores.

Subito, contrahira-se-lhe a physionomia, alterada por dorida pressão no braço esquerdo. Não se póde mover; os dedos se lhe entorpeceram e a arma rolou ao solo. Volveu o rosto e soltou um grito de indizivel espanto: — segurara-o, a mão férrea e musculosa de D Pedro. O principe, detendo-o ainda, com o olhar convulso, ardendo de raiva, gritou-lhe:

— "Animal! Não percebeste que consegui revolucionar uma companhia dos teus batalhões?"

— E' uma temeridade de V. A. impedir a marcha dos negocios politicos. Renuncie a esses propositos que compel'irão S. M. El-Rei a deixar, de hoje para amanhã, o territorio brasileiro. E quem victoriosa a sedição, assumiria a direcção da colonia de Portugal?

— D. Pedro! bradou uma voz energica e persuasiva. O principe e o governador deram de costas ao mesmo tempo. Junto delles, sobranceiro á rajada do motim, apparecia o conde d'Arcos que espreitava todos os movimentos do infante.

— Ah! atalhou o governador, esclareço-me, agora, da situação. V. S.ª, senhor conde d'Arcos, teceu bem a intriga; vingou-se das predilecções do sr. D. João por Thomaz Antonio.

A patuléa se regosija em alaridos frementes. Homens silvando assobios ou ululando improperios, inesperadamente, chapejam no espaço as mãos batendo palmas, agitados, remessivos, desvairados. E' que das janellas do sobrado, babujando incultos e imprecando pragas, atiravam a man-

As tintas para cabellos e alguns conselhos por

A. DORET

Raras são as tintas para cabellos que satisfazem quem as emprega. Nem sempre são inoffensivas.

Outra tintura fica esverdeada no fim de poucos dias, tal outra toma no cabello a côr de vinho tinto, bastante desagradavel aos olhos; esta é preta demais, resecca o cabello, alisa o que é ondeado, faz mais velha a pessôa que a emprega, dá á physionomia um ar severo e triste ao mesmo tempo.

Trinta annos de experiencia, de estudos, de applicação deram-me uma certa autoridade para falar nisso.

Nenhuma casa de cabelleireiro, em qualquer paiz que fosse, quer na Europa ou na America, attingiu o grão de perfeição ao da casa Doret; tenho no meu estabelecimento clientes de toda as nacionalidades que attestariam a superioridade de

meus methodos de tingir os cabellos, garantindo a innocuidade absoluta de meus productos. A's pessoas que não possam vir ao meu estabelecimento, ás pessôas longe do Rio de Janeiro, recommendo nunca tingirem os cabellos de preto; é melhor acastanhal-os que colorir o branco de preto. Isso, além de ser mais natural, mais facil será, mais hygienico.

Recommendo a todos o fluido Doret para acastanhar ou alourar o cabello, este producto é dez vezes menos forte que a agua oxygenada, não queima os cabellos e é um excellente desinfectante.

Para recoloração do cabello branco empregae o meu Henné, pure Doret, para obter o louro bastará apenas 5 a 10 minutos de applicação, para o bronzeado ½ hora, para acajou escuro, uma hora e meia.

As pessôas que querem escurecer os cabellos para castanho escuro devem empregar o Tonico Déesse n. 12.

Para qualquer caso particular é bom consultar A. Doret e seguir seus conselhos é uma garantia de bom exito.

A casa A. Doret recommenda suas manicures, seus productos incomparaveis para a belleza da pelle e cabellos, seus modelos de penteados, estudados para cada pessoa, os cabelleireiros da casa Doret são verdadeiros artistas. Ondulação permanente, Marcel, Misemplis, Soins de Beaute.

A. DORET cabelleireiro — Rua Alcindo Guanabara n. 5-A — Telephone 2-2431 — Rio de Janeiro

LEITE DE BELLEZA
ORIENTAL
O SUPREMO EMBELLEZADOR DA PELLE!
NAS
PERFUMARIAS LOPES
RIO-S. PAULO
CASA BAZIN - PERFUMARIA CAZAUX

cheias, para o largo, os destroços das suas depredações, gesticulando ameaças, cerrando os punhos em gritaria exterminadora, incitando, revoltando.

O governador calou-se e, perplexo, atonito, presenciava ao desenrolar da rebellião; não sabia mais como proceder, cruzava os braços deixando que os factos tivessem inesperado desfecho. Um disparo irradio zuniu na copa das arvores e abafou as vozes dilacerantes da plebe. Estala o galho de um arbusto cahindo de chofre ao burulho farfalhante das folhas. Ha um momento rapido, fugidio quebrado pelo estridor de um bravo caloroso.

— Viva D. Pedro!

— Viva D. Pedro: — repete em côro metalico, ululante, desarvorado, o povilheo sanhudo.

A malta começa a debandar, seguindo a tropa desordenada que toma o lado do quartel. A claridade azulada do dia illumina a esplanada do morro de Santo Antonio e o sino do Sacramento tange a sahida do viatico. Decorrem poucos minutos e o parocho da Sé surge no Rocio, sob a umbela adamascada, caminhando embuçado no véo d'hombros, precedido da garotada que entoa o **bemdito** numa plangencia desafinada.

— "Vae Deus receber, talvez, um desconhecido vassalo que morre heroicamente pelo seu rei": — disse com expressão compungida o governador.

— "Ou de certo, um patriota sincero que se insurgiu com coragem, contra as oppressões do seu soberano" — retrucou D. Marcos de Noronha.

D. Pedro cingiu á cintura o governador das armas e num carinhoso abraço, aconselhou:

— "Deixa-te de parvoices. Vencemos. Amanhã no palacio do Areal".

— Se o pae de V. A. se retirar logo á noite.

— Faze o que te approuver.

E apartou-se com o conde d'Arcos, descendo a rua do Cano. A' esquina da Vala, despediu-se.

— Não quer servir-se da minha carruagem? inquiriu D. Marcos. Tenho-a na Carioca.

— Obrigado. Depois desta esfrega só a companhia de uma mulher. Vou almoçar com sóror Maria da Luz!

— No convento? interrogou admirado, o brigadeiro.

— Numa casa da subida do Castello onde ella se acha com licença do Ordinario!

— "Oh! a mocidade! a mocidade!" — murmurou tristemente, numa vaga recordação, o ultimo dos vice-reis do Brasil.

Eram 11 horas da manhã.

THEODORO MAGALHÃES

TOME NOTA PARA COMPRAR — ALMANACH D'O TICO-TICO PARA 1931

Livraria Pimenta de Mello

TRAVESSA DO OUVIDOR, 34

(ANTIGA SACHET)

TELEPHONE 4-5825

RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA BRASILEIRA

Introducção á Sociologia Geral, obra premiada com o 1º premio da Academia Brasileira, de Pontes de Miranda (Dr.) (Broch.) .... 16$000
A mesma obra (Encadernada) .... 20$000
Tratado de Anatomia Pathologica, de Raul Leitão da Cunha (Dr.) Professor da Cadeira na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Broch.) .... 35$000
A mesma obra (Encadernada) .... 40$000
Tratado de Ophthalmologia, volume 1º, tomo 1º, pelo Prof. Abreu Fialho (Dr.) Broch. 25$, enc. 30$000
Tratado de Ophthalmologia, volume 1º, tomo 2º, pelo Prof. Abreu Fialho (Dr.) Broch. 25$, enc. 30$000
Tratado de Therapeutica Clinica, volume 1º, por Vieira Romeiro (Dr.) Broch. 30$000, enc. 35$000
Tratado de Therapeutica Clinica. Por Vieira Romeiro (Dr.) 2º volume. Broch. 25$, enc... 30$000
Siderurgia. F. Labouriau (Dr.) Broch. 20$, enc. 25$000
Fontes e Evoluções do Direito Civil Brasileiro. P. de Miranda (Dr.) Broch. 25$ enc. .... 30$000
Amoroso Costa — **Idéas Fundamentaes da Mathematica**, Broch. 16$, enc. .... 20$000
Otto Rothe — **Chimica Organica** — 1º Vol. tomo 1º. Broch. 20$, enc. .... 25$000
F. Moura Campos — **Manual Pratico de Physiologia** — Broch. .... 2$000
P. Miranda — **Tratado dos Testamentos**. 1º Vol. Broch. 25$, enc. 30$. 2º Vol. Broch. 25$, enc. 30$000
C. Pinto — **Parasitologia**. 1º Vol. Broch. 30$, enc. 35$. 2º Vol. Broch. 30$, enc. .... 35$000

EDIÇÕES A VENDA

Cruzada Sanitaria, Discursos de Amaury de Medeiros (Dr.) (Broch.) .... 5$000
Annel das Maravilhas, contos para creanças, texto e figuras de João do Norte (da Academia Brasileira) (Broch.) .... 2$000
Cocaina, novella de Alvaro Moreyra (Broch.) .. 4$000
Perfume, versos de Onestaldo de Pennafort. Broch. 5$000
Botões Dourados, chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira, de Gastão Penalva. Broch. 5$000
Leviana, novella do escriptor portuguez Antonio Ferro (Broch.) .... 2$000
Alma Barbara, contos gaúchos de Alcides Maya (Broch.) .... 5$000
Problemas de Geometria, de Ferreira de Abreu. (Broch.) .... 3$000
Caderno de Construcções Geometricas, de Maria Lyra da Silva (Broch.) .... 2$500
Chimica Geral. Noções, obra indicada no Collegio Pedro II, de Padre Leonel da Fonseca, S. J. 3ª edição (Cart.) .... 6$000
Um anno de cirurgia no sertão, de Roberto Freire (Dr.) (Broch.) .... 18$000
Promptuario do Imposto de consumo em 1925, de Vicente Piragibe (Broch.) .... 6$000
Lições Civicas, de Heitor Pereira, 2ª edição (Cart.) 5$000
Como escolher uma boa esposa, de Renato Kehl (Dr.) (Broch.) .... 4$000
Humorismos innocentes, de Areimor (Broch.)... 5$000
Toda a America, versos de Ronald de Carvalho (Broch.) .... 8$000
Indice dos impostos para 1926, de Vicente Piragibe (Broch.) .... 10$000
Questões praticas de Arithmetica, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Cecil Thiré (Broch.) 10$000
Formulario de Therapeutica Infantil, por A. Santos Moreira (Dr.) 4ª edição augmentada (Enc.) .... 20$000
Chorographia do Brasil para o curso primario, pelo Prof. Clodomiro Vasconcellos (Dr.) Cart. 10$000
Theatro do Tico-Tico — Cançonetas, farças, monologos, duettos, etc., para creanças, por Eustorgio Wanderley .... 6$000
O orçamento — por Agenor de Roure (Broch.) 18$000
Os Feriados Brasileiros, de Reis Carvalho. Broch. 18$000
Desdobramento — Chronicas de Maria Eugenia Celso (Broch.) .... 5$000
Circo, de Alvaro Moreyra (Broch.) .... 6$000
Canto da Minha Terra, 2ª edição. O Marianno.. 10$000
Almas que soffrem. E. Bastos (Broch.) .... 6$000
A boneca vestida de Arlequim, de Alvaro Moreyra (Broch.) .... 5$000
Cartilha. Prof. Clodomiro Vasconcellos .... 1$500
Problemas de Direito Penal. Evaristo de Moraes. (Broch) 16$. enc. .... 20$000
Problemas e Formulario de Geometria. Prof. Cecil Thiré & Mello e Souza .... 6$000
Grammatica latina, de Padre Augusto Magne. S. J. 2ª edição (Broch.) 16$, enc. .... 20$000
Primeiras noções de latim, de Padre Augusto Magne, S. J. (Cart.) no prélo ....
Historia da Philosophia, de Padre Leonel da Franca, S. J., 3ª edição (Enc.) .... 12$000
Curso de lingua grega, Morphologia, de Padre Augusto Magne, S. J. (Cart.) .... 10$000
Grammatica da lingua hespanhola, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Antenor Nascente, professor da cadeira do mesmo collegio, 2ª edição (Broch.) .... 7$000
Candido Borges Castello Branco (Cel.), **Vocabulario Militar** (Cart.) .... 2$000
Chimica elementar, problemas praticos e noções geraes, pelo professor C. A. Barbosa de Oliveira, Vol. 1º (Cart.) .... 4$000
Problemas praticos de Physica elementar, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caderno 2º (Broch.) .... 2$500
Problemas praticos de Physica elementar, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caderno 3º (Broch.) .... 2$500
Primeiros passos na Algebra, pelo Professor Othelo de Souza Reis (Cart.) .... 3$000
Geometria, observações e experiencias, livro pratico, pelo professor Heitor Lyra da Silva (Cart.) .... 5$000
Accidentes no trabalho, pelo Dr. Andrade Bezerra (Broch.) .... 1$500
Esperança — Poema didactico da Geographia e Historia do Brasil pelo prof. Lindolpho Xavier (Dr.) (Broch.) .... 8$000
Propedeutica obstetrica, por Arnaldo de Moraes 3ª edição. Broch. 25$, enc. .... 30$000
Exercicios de Algebra, pelo Prof. Cecil Thiré (Broch.) .... 6$000
Miranda Valverde — **Evoluções da Escripta Mercantil** .... 15$000
Moraes — **Sã Maternidade** .... 10$000
Celso Vieira — **Anchieta** .... 16$000
Wanderley — **Album Infantil** .... 6$000
Anesi — **Physiologia Cellular** .... 8$000
Alvaro Moreyra — **Adão e Eva** .... 8$000
A. Magne — **Selecta Latina**. Broch. 12$ enc. ... 15$000
Renato Kehl — **Livro do chefe de Familia** — enc. 25$000
Heitor Pereira—**Anthologia de Autores Brasileiros** 10$000
Problemas praticos de Physica elementar, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caderno 1º Broch. 3$000

Em applicações como estas e em 48 outros differentes casos de doenças da pelle e do couro cabelludo:

UM SABÃO QUE É UM REMEDIO,

ARISTOLINO

UM REMEDIO QUE É UM SABÃO.